

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**  
**FACULDADE DE PSICOLOGIA**



**ESTILO DE VINCULAÇÃO E RELAÇÕES EXTRA-DIÁDICAS: SATISFAÇÃO  
RELACIONAL E ATITUDES COMO MEDIADORES**

**Cátia de Melo e Castro Godinho Afonso**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde)

Núcleo de Psicoterapia Cognitiva – Comportamental e Integrativa)

**2011**

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**  
**FACULDADE DE PSICOLOGIA**



**ESTILO DE VINCULAÇÃO E RELAÇÕES EXTRA-DIÁDICAS: SATISFAÇÃO  
RELACIONAL E ATITUDES COMO MEDIADORES**

**Cátia de Melo e Castro Godinho Afonso**

**Dissertação orientada pelo Prof. Doutor João Manuel Moreira**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde)

Núcleo de Psicoterapia Cognitiva – Comportamental e Integrativa)

**2011**

## **Agradecimentos**

*ao Prof. Doutor João Moreira*, por todo o apoio e paciência, que tornaram possível a realização  
desta dissertação.

*a todas as amigadas*, que apoiaram e ajudaram na recolha da amostra.

*a todas as amigadas que nasceram e cresceram nesta Faculdade*, por todo o companheirismo e  
ajuda ao longo destes cinco anos, mas sobretudo neste último ano.

*à minha mãe e irmã*, por todo o incentivo, pela força, por tudo.

*ao meu namorado*, por todo o carinho, encorajamento, e sobretudo pela capacidade de me fazer  
sorrir também nos piores momentos.

## Resumo

O estilo de vinculação, enquanto parte essencial nas dinâmicas relacionais, tem sido largamente estudado e a sua influência nas relações românticas é inegável. No presente estudo, interessou-nos explorar o papel que o estilo de vinculação desempenha nas relações extra-diádicas. Partindo de uma abordagem dimensional da vinculação adulta, colocou-se a hipótese de que o efeito dos estilos de vinculação evitante ou preocupado na ocorrência de comportamentos extra-diádicos será mediado pela satisfação relacional e pelas atitudes relativamente a comportamentos extra-relacionais. Especificamente para este estudo e de forma a avaliar o papel mediador das atitudes, tornou-se necessário construir uma escala de atitudes quanto à infidelidade, o que não tinha sido feito até ao momento. Era esperado que os indivíduos *evitantes* tivessem atitudes mais positivas em relação a comportamentos extra-relacionais, o que, aliado a uma inerente insatisfação relacional, levaria a uma maior probabilidade de adoptar comportamentos extra-relacionais. Nos indivíduos *preocupados*, apesar de poderem ter atitudes negativas relativamente aos mesmos comportamentos, a insatisfação relacional também os levaria a adoptar comportamentos extra-relacionais. Os dados foram recolhidos através da aplicação de questionários on-line e a amostra constituída por 155 sujeitos. De uma forma geral, os resultados apoiaram as hipóteses. Através deste estudo foi ainda possível distinguir diferentes tipos de infidelidade, como infidelidade causada por insatisfação relacional, infidelidade como fuga à rotina e infidelidade como forma de melhorar a auto-estima. Encontrou-se ainda um tipo de infidelidade em que, apesar de o indivíduo estar satisfeito com a relação e ter atitudes negativas face à mesma, teve comportamentos extra-relacionais motivados essencialmente pela atractividade da outra pessoa. Este tipo de transgressão na relação é, geralmente, acompanhado por sentimentos de culpa.

Palavras-chave: Vinculação, evitação, preocupação, comportamentos extra-relacionais, relações extra-diádicas, satisfação relacional, atitudes, motivação.

## Abstract

The attachment style, as an essential part of relational dynamics, has been widely studied and its influence in romantic relationships is undeniable. In this study, We were interested in exploring the role attachment style plays in extra-dyadic relationships. From a dimensional approach to adult attachment, it was hypothesized that the effect of avoidant or preoccupied attachment styles in the occurrence of extra-dyadic behavior is mediated by relational satisfaction and by attitudes toward extra-relational behaviors. Specifically for this study and to assess the role of the attitudes, it became necessary to construct a scale of attitudes toward infidelity, something which had not been done so far. It was expected that *avoidant* individuals would have more positive attitudes toward extra-relational behaviors, which, combined with an inherent relational dissatisfaction, would lead to a greater likelihood of adopting extra-relational behaviors. Among *preoccupied* individuals, although they may have negative attitudes to the same behaviors, relational dissatisfaction would also lead them to adopt extra-relational behaviors. Data was collected through on-line questionnaires in a sample of 155 subjects. Overall, the results supported the hypotheses. Over this study it was also possible to distinguish different kinds of infidelity, such as infidelity caused by relational dissatisfaction, infidelity as an escape from the routine and infidelity in order to improve self-esteem. It was also found an infidelity type where the individual had extra-relational behaviors essentially motivated by the other person's attractiveness, although he/she is satisfied in the relationship and has negative attitudes toward infidelity. This type of transgression in the relationship is generally accompanied by feelings of guilt.

Keywords: Attachment, avoidance, preoccupation, extra-relational behaviors, extra-dyadic relationships, relational satisfaction, attitudes, motivation.

## Índice

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO</b> .....	8
<i>Comportamentos extra-relacionais à luz da investigação</i> .....	8
<i>Relações extra-diádicas (im)previstas – factores que as influenciam</i> .....	10
<i>Atitudes – factor ou preditor de comportamentos extra-diádicos?</i> .....	13
✓ <i>Teoria da Acção Planeada – Ligação entre atitude e comportamento</i> .....	14
<i>Teoria da Auto-Determinação</i> .....	17
<i>Teoria da Vinculação</i> .....	19
<b>3. OBJECTIVOS E HIPÓTESES</b> .....	25
<b>4. METODOLOGIA</b> .....	27
4.1 Participantes .....	27
4.2 Instrumentos de medida .....	28
4.2.1 <i>RAS (Relationship Assessment Scale)</i> .....	28
4.2.2 <i>QERP (Questionário de Experiências com Relações Próximas)</i> .....	28
4.2.3 <i>Escala de Atitudes de Infidelidade</i> .....	29
4.2.4 <i>QM CER (Questionário Multidimensional de Comportamentos Extra-relacionais)</i> .....	30
4.3 PROCEDIMENTO .....	37
<b>5. RESULTADOS</b> .....	40
<i>Análise da ocorrência de comportamentos extra-relacionais</i> .....	42
<i>Análise das motivações para a não ocorrência de comportamentos extra-relacionais</i> .....	43
<b>6. DISCUSSÃO DE RESULTADOS</b> .....	51
LIMITAÇÕES E IMPLICAÇÕES .....	56
CONCLUSÃO .....	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	60

## 1. INTRODUÇÃO

As relações interpessoais, talvez pela sua complexidade, mas também pelo facto de constituírem uma base inerente à vida de todos os seres humanos, suscitam a curiosidade de qualquer pessoa. Sabe-se que da qualidade das relações interpessoais, assim como da forma como são mantidas, depende o bem-estar do indivíduo. Os padrões de comportamento nas relações que o indivíduo mantém ao longo da sua vida constituem aspectos importantes do estilo de vinculação, o qual engloba também outras dimensões, como as expectativas que tem relativamente à forma como os outros o vêem. Especificamente nas relações românticas, e de acordo com as conclusões da investigação, a influência dos padrões de comportamento que o indivíduo mantém nessas mesmas relações é preponderante para a forma como estas se desenvolvem. Os comportamentos que ocorrem fora de uma relação romântica podem constituir uma preocupação dentro da mesma, na medida em que possam constituir uma quebra do compromisso entre as pessoas que estão envolvidas nessa mesma relação.

O presente estudo tem assim por objectivo investigar a relação entre o estilo de vinculação e a tendência para a realização de comportamentos associados à infidelidade. Este estudo tem também como objectivo compreender se a satisfação relacional e as atitudes relativamente à infidelidade vão exercer alguma influência na sua ocorrência, bem como saber se as atitudes poderão estar de alguma forma associadas ao estilo de vinculação.

Facilmente se pode inferir que a larga maioria das pessoas que recorrem aos serviços de Psicologia Clínica apresentam dificuldades nas relações com os outros, o que se resume à forma como se comportam nas relações e como as vêem. Deste modo, torna-se importante explorar a influência que o estilo de vinculação terá nas diferentes facetas que constituem as relações interpessoais, mais especificamente as relações românticas.

## 2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

### *Comportamentos extra-relacionais à luz da investigação*

A ocorrência de relações extra-diádicas é, provavelmente, dos temas que mais perturbam aquele que está envolvido numa relação amorosa, que se supõe exclusiva. Contudo, é um tema pouco estudado e a sua definição operacional é ainda um desafio, razão pela qual é possível encontrar diferentes definições na literatura. No presente estudo, e partindo do conceito de relações românticas enquanto díades, considerar-se-á a infidelidade como uma violação, por parte de um dos parceiros, das normas que regulam o nível de intimidade emocional ou física com pessoas fora dessa mesma relação (Drigotas e Barta, 2001). Atendendo à conotação moral que a palavra “infidelidade” poderá tomar, sendo eventualmente considerada como um juízo de valor depreciativo, a sua utilização no presente estudo não tenciona de qualquer forma avaliar, seja positiva ou negativamente, quem adopte comportamentos potencialmente considerados como infidelidade. Assim, procurar-se-á destituir o conceito de qualquer juízo moral, que lhe esteja habitualmente associado. No entanto, o seu uso, apesar de se evitar ao longo deste estudo, será mantido nalgumas ocasiões, não só por ser um termo encontrado ao longo da literatura, mas também porque na aplicação de questionários, foi necessária a sua manutenção, de forma a que o conteúdo dos mesmos pudesse ser acessível a todos os sujeitos. Neste sentido, para além do uso do termo “infidelidade”, recorrer-se-á ao uso dos termos “relações extra-diádicas” ou “comportamentos extra-relacionais”.

Os estudos apontam para uma maior prevalência de comportamentos extra-relacionais nos homens comparativamente às mulheres (Laumann, Gagnon, Michael, e Michaels, 1994, cit. por Drigotas e Barta, 2001). No entanto, os investigadores alertam para o facto dos estudos se basearem em medidas de auto-relato, não só porque não garantem a

total sinceridade por parte dos participantes, mas também porque a adoção de comportamentos extra-relacionais por parte das mulheres é socialmente mais condenável do que a adoção dos mesmos comportamentos pelos homens (Drigotas e Barta, 2001).

Mas quais as motivações para a adoção de comportamentos extra-relacionais? É, possivelmente, a questão mais inquietante neste tema. De acordo com a literatura, as conclusões a que se tem chegado apontam para uma diferença de géneros no que diz respeito aos motivos que levam a ter relações extra-diádicas. Neste sentido, a insatisfação com a relação é dos motivos mais reportados pelas mulheres que, de algum modo, foram infieis. Quanto aos homens, tendem a atribuir mais motivos de natureza sexual como razão para terem tido comportamentos extra-relacionais (Glass e Wright, 1985). Se por um lado, o envolvimento emocional é considerado pelas mulheres como infidelidade, mesmo na ausência de relação sexual; por outro lado, os homens consideram ter ocorrido infidelidade apenas quando há relação sexual (Drigotas e Barta, 2001). No mesmo sentido, a literatura sugere que os homens têm, com mais facilidade, relações sexuais sem envolvimento emocional fora da relação na qual estão envolvidos, enquanto as mulheres tendem a envolver-se emocionalmente com alguém fora da relação sem que haja relação sexual (Glass e Wright, 1985). No entanto, mais recentemente, outros estudos apontam para resultados diferentes, em que os homens parecem também valorizar situações de cariz apenas emocional como cenários de infidelidade (Viegas e Moreira, 2010).

Importa também atender ao facto de que, curiosamente, o grau de desaprovação parece estar relacionado com o contexto no qual a relação extra-diádica ocorre. Assim, quando os comportamentos extra-relacionais resultam de uma relação problemática ou de uma forte atracção por uma pessoa fora da relação, é encarada com menor desaprovação. Contrariamente, quando os comportamentos extra-relacionais ocorrem de forma deliberada

e não apenas por um acaso, é vista com maior desaprovação (Feldman e Cauffman, 1999, cit. por McNulty e Brineman, 2007). Mais ainda, as relações extra-diádicas que ocorrem em casamentos são socialmente mais reprovadas, comparativamente às que ocorrem em relações de compromisso entre indivíduos que não estão casados. Isto porque o casamento é visto como exigindo mais compromisso a nível emocional bem como a nível legal, o que torna a relação mais permanente, recebendo a sua dissolução maior condenação social (Lieberman, 1988). Verificou-se ainda uma maior desaprovação dos comportamentos extra-relacionais por parte das mulheres quando comparadas com membros do sexo oposto (Lieberman, 1988).

#### *Relações extra-diádicas (im)previstas – factores que as influenciam*

Importa-nos agora esclarecer se poderão existir factores que influenciam a ocorrência de comportamentos extra-relacionais. Os estudos apontam para uma certa influência exercida pelo grau de satisfação com a relação, associada ao nível de compromisso presente na mesma e ainda alguns aspectos da personalidade.

Sabe-se que o nível de compromisso que um indivíduo tem na relação está intimamente relacionado com a satisfação sentida nesta (McAnulty e Brineman, 2007). Neste sentido, o Modelo do Investimento tem sido usado por diversos investigadores na tentativa de prever a ocorrência de comportamentos considerados como infidelidade. Segundo este modelo, a força central de manutenção de uma relação romântica é o compromisso, que não só representa uma vinculação psicológica, como uma motivação para continuar a relação. O nível de compromisso que o indivíduo vai sentir na relação dependerá de três elementos que se relacionam – a satisfação (aquilo que o indivíduo recebe da relação), a qualidade das alternativas (as expectativas relativamente à alternativa de ter

outra relação) e os investimentos (o que o indivíduo perde caso a relação termine). Este modelo oferece assim alguma coesão teórica no que diz respeito à ocorrência de relações extra-diádicas, ajudando a compreender melhor as razões que levam à sua ocorrência (Rusbult, 1993). Quanto mais um indivíduo estiver comprometido na relação, menores serão as probabilidades de desenvolver relações extra-diádicas. Pelo contrário, um menor nível de compromisso aumenta as probabilidades de ocorrência de relações extra-diádicas. Isto porque os indivíduos altamente comprometidos tendem a adoptar uma orientação de longo-prazo quanto à relação, comportando-se de forma consistente com esta orientação. Neste sentido, os indivíduos com um maior nível de compromisso, tendem a ter em conta as consequências a longo-prazo de uma eventual relação extra-diádica; consequências estas que podem incluir implicações para a relação, para o parceiro e para o próprio (Drigotas, Safstrom e Gentilia, 1999). Mas também a percepção que um indivíduo tem da sua própria susceptibilidade a ser infiel poderá ter influência na sua ocorrência, estando também esta percepção associada à satisfação sentida na relação. As relações ajudam o indivíduo a perseguir quatro objectivos ou necessidades para além das sexuais. Estas necessidades adicionais incluem a necessidade de intimidade (confiança no parceiro para partilhar segredos e sentimentos pessoais), a necessidade de companhia (participar em actividades conjuntas com o parceiro, o que aumenta o sentimento de proximidade), necessidade de segurança (diz respeito à previsibilidade da relação) e necessidade de envolvimento emocional (sentimento de conexão emocional com o parceiro na qual as experiências do parceiro são sentidas como próprias) (Drigotas e Rusbult, 1992). Assim, tendo em conta que o preenchimento das cinco necessidades anteriormente mencionadas fazem parte de uma relação romântica, uma falha em qualquer uma destas áreas poderá levar a problemas

na relação, como maior susceptibilidade percebida à infidelidade (Lewandowski e Ackerman, 2006).

Neste contexto, poderá surgir a dúvida relativamente ao facto de os comportamentos extra-relacionais poderem representar uma causa ou uma consequência de um nível mais baixo de qualidade da relação. Os estudos demonstram que a ocorrência de relações extra-diádicas pode contribuir para o enfraquecimento ou mesmo para a dissolução de uma relação (Gottman, 1995, cit. por Previti e Amato, 2004), que pode estar previamente em risco (Amato e Rogers, 1997; South e Lloyd, 1995, cit. por Previti e Amato, 2004).

No que diz respeito às características de personalidade, os investigadores baseiam-se no modelo dos “Cinco Grandes Factores” (*Big Five*) na tentativa de relacionar as cinco principais dimensões de personalidade – Abertura à Experiência, Extroversão, Neuroticismo, Conscienciosidade e Amabilidade - com a ocorrência de relações extra-diádicas. Assim, os estudos apontam para a existência de resultados mais altos nas dimensões de Extroversão e de Abertura à Experiência, conjugados com resultados baixos na dimensão de Conscienciosidade, nos indivíduos que referiram ter sido infiéis (Orzeck e Lung, 2005, cit. por. McAnulty e Brineman, 2007). Outros estudos demonstram que os indivíduos que admitem ter sido infiéis têm resultados elevados na dimensão de Neuroticismo ao mesmo tempo que apresentam resultados mais baixos na dimensão de Amabilidade (Barta e Kiene, 2005, cit. por. McAnulty e Brineman, 2007).

Mais recentemente, os investigadores têm-se debruçado sobre aquilo a que chamam “*mate poaching*” e que definem como “*o comportamento que tem por intenção atrair alguém que está inserido numa relação romântica*” (Schachner e Shaver, 2002). Ora, se o objectivo deste comportamento for alcançado, estamos perante um comportamento que pode ser considerado como infidelidade. Neste contexto, também se tem recorrido ao

modelo dos “Cinco Grandes Factores” de forma a averiguar uma possível relação entre as cinco dimensões de personalidade postuladas no mesmo modelo e os indivíduos que tentam atrair alguém que está envolvido numa relação romântica. Os resultados encontrados são congruentes aos supramencionados, uma vez que também nesta situação em particular são os indivíduos com resultados mais baixos em Conscienciosidade e Amabilidade que tentam atrair alguém que já se encontra numa relação romântica (McGrae e Costa, 1985; Golberg, 1992, cit. por Schachner e Shaver, 2002).

Estudos revelam ainda a importância que a religião poderá ter na probabilidade de um indivíduo adoptar comportamentos extra-relacionais. Os resultados apontam para uma maior tendência para ter relações extra-conjugais nos indivíduos que reportam não ter afiliação religiosa. Pelo contrário, aqueles que não só reportam ter afiliação religiosa, como também uma forte ligação à sua religião, apresentam menos probabilidades de se envolverem em relações extra-conjugais. Os autores associam esta relação ao facto de a religião desencorajar as relações extra-conjugais, principalmente através da exposição a mensagens morais que valorizam a fidelidade, mas também através da punição daqueles que têm um comportamento considerado desviante (ao terem relações extra-conjugais) e da limitação de exposição a ambientes sociais que possam facilitar as relações extra-conjugais (Burdette, Ellison, Sherkat e Gore, 2007).

#### *Atitudes – factor ou preditor de comportamentos extra-diádicos?*

A explicação de qualquer comportamento humano é um desafio e, simultaneamente, das tarefas mais difíceis da Psicologia. Pode ser abordada de várias maneiras e a Psicologia Social, em concreto, estuda as atitudes não só na tentativa de explicar o comportamento, como também na tentativa de o predizer. Podemos entender atitude como uma “*tendência*

*psicológica que se expressa numa avaliação favorável ou desfavorável de uma entidade específica*” (Lima, 2006). As relações extra-diádicas não são exceção no que diz respeito à curiosidade que provocam quanto à tentativa de as compreender. Os estudos apontam para uma maioria de pessoas a apresentarem atitudes negativas relativamente a comportamentos extra-relacionais, considerando-a imoral e socialmente repreensível (Widmer, Treas e Newcomb, 1998, cit. por McAnulty e Brineman, 2007).

As atitudes relacionadas com a sexualidade poderão, de certa forma, influenciar a ocorrência de comportamentos extra-relacionais. Atitudes permissivas relativamente à sexualidade foram preditoras destes comportamentos em diversos estudos (Hurd, 1999, cit. por McAnulty e Brineman, 2007). Por seu lado, as atitudes permissivas quanto a comportamentos extra-relacionais são preditoras do auto-relato desta, tanto em homens como em mulheres (Hansen, 1987).

A investigação feita no sentido de relacionar o estilo de vinculação com a ocorrência de comportamentos extra-relacionais obteve resultados interessantes. Quando comparados com os indivíduos que possuem um estilo de vinculação evitante ou preocupado, os indivíduos com estilo de vinculação seguro possuem atitudes menos positivas relativamente a comportamentos extra-relacionais; o que contudo, não interfere na sua real ocorrência (Feldman e Cauffman, 1999, cit. por McAnulty e Brineman, 2007). No entanto, a relação entre os estilos de vinculação adulta e a ocorrência de comportamentos extra-relacionais é um tema que será adiante explorado.

#### ✓ *Teoria da Acção Planeada – Ligação entre atitude e comportamento*

A teoria da acção planeada (Ajzen, 1987) é uma extensão da teoria da acção reflectida (Fishbein e Ajzen, 1975), tendo surgido para colmatar as limitações impostas pela

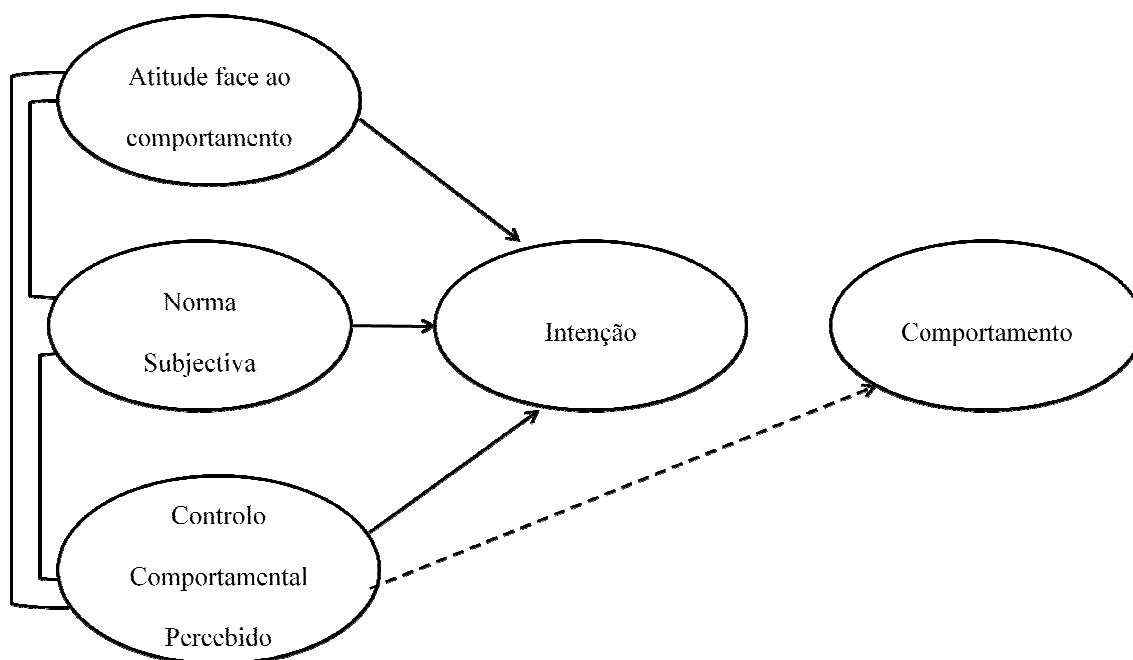
primeira teoria no que diz respeito aos comportamentos sobre os quais as pessoas não têm completo controlo. Um factor central na teoria da acção planeada é a intenção que o indivíduo tem para realizar um determinado comportamento. É assumido que as intenções são fortes indicadores motivacionais que influenciam a ocorrência de um comportamento. Mais ainda, poderão ser indicadores do esforço que um indivíduo está a planear despende na realização do comportamento em questão. Contudo, deverá ter-se em conta que a intenção comportamental apenas poderá encontrar expressão se o comportamento em questão estiver sob controlo do indivíduo, podendo este decidir a realização ou não do mesmo. A realização de alguns comportamentos, no entanto, depende igualmente de factores que não estão relacionados com a motivação, como as oportunidades e os recursos para a realização do comportamento em causa. Assim, segundo a teoria da acção planeada, é a intenção que vai influenciar directamente o comportamento, dependendo esta de três componentes – a atitude face ao comportamento, a norma subjectiva e o controlo comportamental percebido (Ajzen, 1991).

A atitude face ao comportamento refere-se ao grau no qual o indivíduo tem uma avaliação favorável ou desfavorável do comportamento em questão. Relativamente à norma subjectiva, esta refere-se à pressão social percebida quanto à realização do comportamento. O controlo comportamental percebido diz respeito à facilidade ou dificuldade percebida na realização do comportamento. Este terceiro componente está relacionado com a experiência passada, tal como com os obstáculos e impedimentos antecipados (Ajzen, 1991).

Neste contexto, a literatura sugere que as atitudes que os indivíduos têm perante um determinado comportamento terão influência na tomada de decisão para a sua realização. Assim, poder-se-á inferir que também os comportamentos extra-relacionais poderão ter na sua origem uma atitude congruente com a sua ocorrência.

Neste contexto, os investigadores encontraram congruência entre atitude e comportamento quando compararam grupos de indivíduos que reportaram ter sido infiéis com indivíduos que referiram não ter sido infiéis. Concluiu-se então que os indivíduos envolvidos em relações extra-diádicas tinham atitudes mais liberais em relação a estas do que os indivíduos que não foram infiéis (Thompson, 1984, cit. por Glass e Wright, 1992).

**Figura 1. Teoria da Acção Planeada (Azjen, 1987)**



Seria interessante estudar a influência que cada uma das variáveis contidas na teoria da acção planeada têm na ocorrência de comportamentos extra-relacionais. Contudo, tendo em conta que o presente estudo tem por objectivo explorar outras variáveis como o estilo de vinculação e a satisfação relacional, tornar-se-ia confuso inserir todas as variáveis da teoria da acção planeada, pelo que se opta por incluir apenas a variável respeitante às atitudes face ao comportamento extra-relacionais.

### *Teoria da Auto-Determinação*

Os motivos que levam uma pessoa a procurar e manter uma relação podem ser os mais diversos. A teoria da auto-determinação postula que existem diversos tipos de motivação que levam um indivíduo a ter determinados comportamentos. Esta teoria parte da premissa de que o tipo ou qualidade da motivação de um indivíduo será mais importante do que a quantidade total de motivação (Ryan e Deci, 2008). Daqui facilmente se infere que estes diferentes géneros de motivação vão influenciar profundamente a forma como uma relação é vivenciada.

A principal distinção diz respeito à diferença entre motivação intrínseca e motivação extrínseca, que se situam em extremos de um mesmo contínuo de auto-determinação das motivações e que dependem do grau em que as razões para a acção provêm naturalmente do próprio *self* ou são externas ao *self*. A motivação intrínseca refere-se à realização de uma actividade pela sua satisfação inerente e não por pressões externas. Todos os seres humanos têm tendência para a motivação intrínseca, mas esta propensão apenas é expressa sob condições específicas. A teoria da auto-determinação coloca ênfase nos factores sociais e ambientais que facilitam ou dificultam a motivação intrínseca. Neste sentido, a teoria de avaliação cognitiva postula que os eventos e estruturas que levam o indivíduo a ter sentimentos de competência e de autonomia durante a acção, podem aumentar a motivação intrínseca (Ryan e Deci, 2000).

Contudo, as pessoas realizam diversas actividades sem que para tal estejam intrinsecamente motivadas. As regras e papéis sociais, que exigem que o indivíduo assuma responsabilidade por tarefas pelas quais não se sente intrinsecamente motivado, dão lugar à motivação extrínseca. Assim, a motivação extrínseca refere-se a todas as actividades que são realizadas com vista a uma consequência externa. A teoria da auto-determinação

considera que a motivação extrínseca varia principalmente no grau em que é autónoma. Os padrões de acção que inicialmente são regulados de forma externa vão ser, ao longo do processo de socialização, incorporados pelo indivíduo, através de processos de internalização - transformação de padrões socialmente prescritos em normas de conduta assumidas pelo próprio indivíduo - e integração - assimilação aprofundada dos padrões sociais, que passam a ser regulados de forma auto-determinada (Ryan e Deci, 2000).

O primeiro tipo de motivação extrínseca diz respeito a uma regulação externa, na qual os comportamentos são realizados de forma a satisfazer uma norma social ou a obter uma recompensa externa. Os padrões de acção assim regulados não foram integrados pelo indivíduo e são percebidos como controlados (Ryan e Deci, 2000). Fazendo o paralelo com as relações românticas, estas podem ser mantidas se proporcionarem reconhecimento pessoal ou segurança financeira (Blais et al., 1990).

A regulação introjectada refere-se a um tipo de regulação interna que continua a ser sentida como controlada, uma vez que neste contexto as pessoas realizam acções por pressão, ou seja, de forma a evitar sentimentos desagradáveis como culpa ou ansiedade (Ryan e Deci, 2000). Nestes casos, uma pessoa pode manter uma relação por sentido de obrigação ou para evitar os sentimentos negativos inerentes à separação (Blais et al., 1990).

A regulação através da identificação é uma forma de motivação extrínseca mais autónoma, na qual a pessoa se identificou com a importância, a nível pessoal, do comportamento e aceitou a sua regulação como sendo própria (Ryan e Deci, 2000). Manter uma relação por este tipo de motivação, significa que a pessoa a considera como uma forma de conseguir atingir objectivos importantes a nível pessoal (partilha de emoções e de experiências, desenvolvimento de capacidades pessoais, participação em novas actividades) (Blais et al., 1990).

Finalmente, o tipo de motivação extrínseca mais autónomo refere-se à regulação integrada, que ocorre quando as regulações identificadas foram totalmente assimiladas pelo indivíduo (Ryan e Deci, 2000). Neste contexto, uma relação pode ser mantida porque a pessoa considera que através dessa relação pode pôr em prática os valores que lhe são mais importantes (Blais et al., 1990).

A teoria da auto-determinação faz ainda referência a um constructo que se encontra no extremo mais baixo de auto-determinação – a amotivação, que resulta da não valorização de uma actividade e, portanto, implica ausência de intenção de agir (Ryan e Deci, 2000). Aplicada às relações românticas, a amotivação caracteriza-se por uma postura de passividade perante o desenvolvimento da relação, que a pessoa percepção como não sendo controlada por si (Blais et al., 1990).

As motivações que levam uma pessoa a estar envolvida numa relação podem assim assumir um papel importante nos factores subjacentes ao desenvolvimento de uma relação extra-diádica.

### *Teoria da Vinculação*

A vinculação tem constituído tema de investigação nas últimas décadas, pelo que muito se tem descoberto quanto à influência que o estilo de vinculação adulta tem sobre o bem-estar geral do indivíduo. A par da recente investigação feita acerca de relações extra-diádicas, também o estilo de vinculação parece estar, de certa forma, ligado a esta. No entanto, ainda não foi encontrada relação directa entre o estilo de vinculação e a existência de relações extra-diádicas.

Importa referir que quando os investigadores mencionam *estilo de vinculação*, referem-se a uma representação mental composta por crenças, expectativas, emoções e

tendências de acção. Esta representação mental é provavelmente influenciada pelas relações interpessoais mais importantes desenvolvidas pelo indivíduo ao longo da sua vida, com particular ênfase na relação estabelecida com os seus primeiros cuidadores (Hazan e Shaver, 1994).

A vinculação, enquanto laço emocional, é uma necessidade inerente a qualquer ser humano, estando presente desde criança até à idade adulta. O laço estabelecido pela vinculação permite que um indivíduo se sinta seguro para explorar o ambiente em períodos de segurança, a partir da base segura que é a figura de vinculação. Ao mesmo tempo, o indivíduo sentirá necessidade de se aproximar da figura de vinculação em períodos de stress e perigo, uma vez que esta lhe proporciona segurança e conforto (Crowell e Waters, 1994).

O laço emocional acima referido tem início durante a infância, sendo que os elementos básicos da relação de vinculação estabelecida durante este período serão incorporados nas relações com os pares ao longo da adolescência e começo da vida adulta. Mais tarde, serão transferidos para uma relação adulta romântica (Crowell e Waters, 1994). A forma como o indivíduo vai procurar o apoio da figura de vinculação depende daquilo que Bowlby designou por *modelos internos de trabalho* – “*Internal Working Models*” (Bowlby, 1975). Enquanto criança, o indivíduo cria modelos acerca da disponibilidade que a figura de vinculação demonstra em períodos de perigo. Com o desenvolvimento cognitivo da criança, estes modelos tornam-se mais elaborados, complexos e abstractos; tornam-se internalizados ao longo do tempo, caracterizando o indivíduo nas suas relações interpessoais. Os modelos internos de trabalho reflectem respostas a duas questões fundamentais – 1) Sou uma pessoa merecedora de amor? e 2) São os outros (figuras de vinculação) pessoas de confiança? Daqui se desenvolvem modelos do *self* e modelos do outro, cujo desenvolvimento vai depender da disponibilidade demonstrada pela figura de

vinculação em períodos de necessidade. Se a figura de vinculação responder às necessidades que surgem em períodos de perigo, é provável que o indivíduo desenvolva modelos do *self* e do outro positivos. Se, pelo contrário, a figura de vinculação não estiver disponível para responder às necessidades do indivíduo em períodos de perigo, este desenvolverá modelos do *self* e do outro negativos (Klohnen e John, 1998).

No que diz respeito à vinculação adulta, foram criados vários modelos, conceptualizando diferentes estilos de vinculação. O modelo de três categorias de vinculação adulta de Hazan e Shaver (1990) postula que as relações românticas são caracterizadas pelas mesmas dinâmicas do que a relação mantida ao longo da infância com a figura de vinculação (Hazan e Shaver, 1990). Adoptaram assim o esquema de três categorias usado por Ainsworth como forma de organizar a maneira como os adultos pensam, sentem e se comportam nas relações românticas. Deste modo, os autores conceptualizam três tipos qualitativamente diferentes de vinculação romântica: Seguro, Ansioso - Ambivalente e Evitante. Desenvolveram descrições de cada um dos estilos de vinculação tal como esperam que seja experienciado por cada indivíduo (Hazan e Shaver, 1987).

Mais tarde, surge o modelo de quatro categorias de vinculação adulta, proposto por Bartholomew (Bartholomew e Horowitz, 1991) surge como continuação do trabalho de Hazan e Shaver e incorpora a ideia de modelos do *self* e do outro positivos e negativos num sistema bidimensional que dá origem a quatro estilos de vinculação adulta. Ao propor o modelo de quatro categorias, Bartholomew manteve as classificações do modelo precedente de três categorias – seguro e ansioso – ambivalente (ou preocupado) – mas distinguiu dois estilos na dimensão de evitamento. Assim, surgem os *evitantes receosos* que, através de

uma orientação para o afastamento, previnem a rejeição ou serem magoados pelos outros. Os *evitantes desligados*, também adoptam uma orientação de evitamento, mas como forma de manter um sentido de auto-confiança e de independência (Bartholomew e Horowitz, 1991).

Cada um destes estilos é caracterizado por um padrão distinto de regulação emocional e de comportamento no que diz respeito às relações interpessoais, combinando modelos positivos e negativos. Assim, os indivíduos *evitantes receosos* consideram-se com pouco valor ao mesmo tempo que possuem uma visão negativa dos outros, pelo que afastam a intimidade de forma a evitar a dor causada por uma potencial perda ou rejeição. Quanto aos indivíduos *evitantes desligados*, se, por um lado, também evitam a proximidade, uma vez que possuem uma visão negativa dos outros, por outro lado mantêm um elevado sentido de valor próprio, negando o valor das relações próximas e enfatizando a importância da independência. Os indivíduos *preocupados* caracterizam-se por um certo sentimento de inutilidade, mas o seu modelo positivo do outro fá-los procurar em demasia a proximidade nas relações interpessoais, deixando-os vulneráveis quando as suas necessidades de intimidade não são preenchidas. Por fim, os indivíduos *seguros* possuem um sentimento de valor internalizado e conforto com a intimidade em relações próximas (Griffin e Bartholomew, 1994).

Contudo, as diferenças individuais encontradas quanto ao estilo de vinculação das relações românticas, parecem ser melhor descritas através do modelo bi-dimensional (Brennan, Clark, e Shaver, 1998). Em diversas investigações foram realizadas análises factoriais das principais características dos diferentes estilos de vinculação, apontando para a existência de duas dimensões independentes – evitação e preocupação, que surgem assim como as dimensões primordiais da vinculação adulta. É considerado que estas dimensões

permitem fazer predições moderadamente fortes quanto às interações mantidas nas relações interpessoais (Feeney, 2002). Estas dimensões correspondem às dimensões de evitação *vs.* conforto com a proximidade e ansiedade/ambivalência *vs.* ausência de ansiedade/ambivalência.

#### *Relações Extra-diádicas e Estilo de Vinculação Adulta*

Poderão os padrões de regulação emocional e de comportamento nas relações interpessoais influenciar a ocorrência de relações extra-diádicas? A literatura aponta para algumas tendências a nível de estratégias sexuais características de determinados estilos de vinculação. De facto, os indivíduos com estilo de vinculação seguro, comparativamente aos indivíduos com estilo de vinculação inseguro, adoptam estratégias sexuais a longo prazo, caracterizando-se por terem relações mais duradouras e menor probabilidade de se divorciarem (Hazan e Shaver, 1987). Os indivíduos *inseguros* adoptam estratégias sexuais a curto - prazo, uma vez que evitam a intimidade emocional (Brennan e Shaver, 1995, cit. por Bogaert e Sadava, 2002). Os estudos relatam ainda um dado particularmente interessante; os indivíduos *evitantes* e *ansiosos-ambivalentes* tendem a iniciar a sua vida sexual precocemente, quando comparados com os indivíduos *seguros* (Rosenthal, Burklow, Lewis, Succop e Biro, 1997, cit. por Bogaert e Sadava, 2002). No que concerne a diferenças de género, os estudos apontam para uma maior sensibilidade, por parte das mulheres, aos modelos internos de trabalho, ou seja, na forma como estes afectam os seus comportamentos sexuais. Pelo contrário, as diferenças individuais (hormonas, por exemplo) podem ser mais relevantes na predição dos comportamentos sexuais masculinos (Bogaert e Fisher, 1995).

Relativamente às motivações que levam os indivíduos a ter relações sexuais, também o estilo de vinculação parece estar relacionado. Assim, um indivíduo *ansioso-ambivalente* tem relações sexuais essencialmente na tentativa de que o parceiro venha a gostar mais de si, bem como sentir-se valorizado pelo parceiro. Os motivos que levam os indivíduos *evitantes* a ter relações sexuais passam pela pressão social, ou seja, têm relações sexuais para poderem dizer aos pares que o fizeram e optam por estratégias sexuais a curto -prazo de forma a evitar os aspectos emocionais de uma relação a longo -prazo. Deste modo, os indivíduos *evitantes* poderão evitar as relações sexuais por motivos relacionados com a intimidade e expressão emocional com o parceiro (Schachner e Shaver, 2004). Pelo contrário, os indivíduos *seguros* valorizam a intimidade emocional, pelo que vêem as relações sexuais como algo restrito às relações românticas (Simpson e Gangestad, 1991); relatam ainda maior satisfação com as suas experiências sexuais, relativamente aos indivíduos *inseguros* (Brennan, Clark e Shaver, 1998). O estilo de vinculação seguro está também associado a um menor número de parceiros (Januszewski, Turner, Guerin e Flack, 1996, cit. por Gentzler e Kerns, 2004). Por contraste, um estilo de vinculação evitante está associado a duas abordagens para limitar a intimidade – evitar as relações sexuais ou optar por ter sexo casual. Os estudos apontam para uma associação entre o estilo de vinculação inseguro e crenças sexuais menos restritivas - maior aceitação de sexo casual (Gentzler e Kerns, 2004).

Os indivíduos com estilo de vinculação ansioso-ambivalente revelam ter afecto negativo relativamente às suas experiências sexuais (Gentzler e Kerns, 2004). Na verdade, estes indivíduos parecem estar num dilema, pois se por um lado precisam da proximidade emocional proporcionada pelas relações românticas, por outro lado, não conseguem manter relações desta natureza. Ao contrário dos indivíduos *evitantes*, não têm atitudes aceitantes

acerca de sexo casual fora das relações de compromisso (Simpson e Gangestad, 1991). Contudo, as suas necessidades de intimidade, levam-nos a ter várias experiências sexuais, muitas das quais desprotegidas (Feeney, Peterson, Gallois, e Terry, 2000).

De uma forma geral, aquilo que se pode concluir através dos estudos feitos até ao momento, é que os indivíduos *evitantes* não só têm atitudes mais positivas relativamente à possibilidade de ter relações sexuais fora de uma relação de compromisso, como tendem a ter mais experiências sexuais fora do contexto destas, provavelmente porque não consideram a intimidade emocional como um pré-requisito para a intimidade física (Gentzler e Kerns, 2004).

A compreensão do estilo de vinculação evitante é particularmente importante, uma vez que os indivíduos *evitantes* não procuram intimidade emocional, o que pode ir contra os objectivos dos seus parceiros. Mais ainda, podem constituir um perigo para si mesmos, pois tendem a ter sexo inseguro, tendo em conta a sua tendência para ter relações sexuais com indivíduos que lhes são relativamente estranhos (Schachner e Shaver, 2004).

Contudo, ainda que a investigação existente aponte para uma influência do estilo de vinculação nas atitudes e comportamentos sexuais, é necessário ressaltar que os estilos de vinculação não são estanques não só no sentido de que um indivíduo não apresenta apenas as características de um único estilo de vinculação, mas também no sentido em que o estilo de vinculação pode sofrer alterações ao longo do tempo, de acordo com as características das relações que o indivíduo estabelece ao longo da sua vida.

### **3. OBJECTIVOS E HIPÓTESES**

O principal objectivo do presente estudo é apurar se existe relação entre o estilo de vinculação adulta e a ocorrência de comportamentos extra-relacionais. Os objectivos deste

estudo passam também por compreender se as atitudes que um indivíduo tem quanto à infidelidade poderão influenciar a realização de comportamentos extra-relacionais, bem como investigar se estas atitudes poderão estar associadas ao estilo de vinculação. Simultaneamente, importa-nos ainda avaliar a influência não só do estilo de vinculação na satisfação relacional, mas também a influência desta na ocorrência de comportamentos extra-relacionais.

Tendo por base a investigação feita relativamente à relação entre o estilo de vinculação adulta e os comportamentos sexuais adoptados, assim como as atitudes quanto a estes e a sua influência no comportamento – Teoria da Acção Planeada (Azjen, 1987), assim como o papel da satisfação da relação na ocorrência de comportamentos extra-relacionais, colocam-se as seguintes hipóteses:

1. Os indivíduos com estilo de vinculação evitante apresentarão atitudes mais positivas quanto à infidelidade, o que levará a uma maior tendência por parte destes indivíduos a terem comportamentos extra-relacionais, uma vez que evitam ter intimidade emocional. Estes indivíduos também tenderão a sentir-se insatisfeitos com as relações que têm, por evitarem a intimidade emocional, insatisfação essa que levará a uma maior propensão para a adopção de comportamentos extra-relacionais.

2. Os indivíduos com estilo de vinculação preocupado apresentarão atitudes negativas quanto à infidelidade, o que no entanto poderá ser discrepante com a ocorrência da mesma, uma vez que estes indivíduos apresentam dificuldade em manter relações românticas duradouras ao mesmo tempo que procuram contacto íntimo com regularidade. Em semelhança ao que acontece com os indivíduos *evitantes*, também os *preocupados* tenderão a estar insatisfeitos com a relação que mantêm, uma vez que procuram sempre

mais proximidade com o parceiro. Esta insatisfação relacional, levará assim a uma maior propensão para a adopção de comportamentos extra-relacionais.

A par das hipóteses apresentadas, também constitui objectivo do presente estudo, explorar a não ocorrência de comportamentos extra-relacionais, mais concretamente as motivações que lhe estão subjacentes.

## 4. METODOLOGIA

### 4.1 Participantes

A amostra do presente estudo foi constituída por 155 sujeitos, dos quais 116 pertenciam ao sexo feminino (74.8%) e 39 (25.2%) pertenciam ao sexo masculino. Os participantes tinham idades compreendidas entre os 18 e os 60 anos com uma média de idade de 24 anos e desvio padrão de 1.081.

Dos 155 sujeitos, 2 (1.3%) tinham o 3º ciclo, 43 (27.7%) possuíam o ensino secundário e 110 (71%) tinham o ensino superior.

Na presente amostra 34.8% dos sujeitos identificaram-se como estando a namorar com alguém, 25.2% não estavam envolvidos com ninguém à data do preenchimento dos questionários, 18.7% dos sujeitos eram casados, 14.2% viviam em união de facto, 4.5% eram divorciados e 1.9% nunca tinham tido uma relação amorosa de compromisso.

Quanto ao grau de religiosidade, 25.8% dos sujeitos considerou-se como sendo “*nada religioso*”, 19.4% identificaram-se a meio da escala e 1.9% considerou-se “*extremamente religioso*”. Relativamente à orientação política, 34.8% dos participantes identificou-se como estando a meio da escala, enquanto 20% se consideraram “*de esquerda*” e 8.4% se consideraram “*de direita*”.

## 4.2 Instrumentos de medida

### 4.2.1 *RAS (Relationship Assessment Scale)*

O RAS (RAS; Hendrick, 1988; Hendrick, Dicke, e Hendrick, 1998; Santos, Feijão e Mesquita, 2000) é uma escala com 7 itens de tipo Likert, que procura avaliar o grau de satisfação com a relação na qual a pessoa que responde está envolvida naquele momento (item exemplo “*De um modo geral, até que ponto está satisfeito/a com a sua relação?*”). Cada item é avaliado numa escala de 5 níveis.

Apesar de ser uma medida breve, tem demonstrado bons indicadores de precisão e de validade. O coeficiente alfa de Cronbach obtido foi de .92.

### 4.2.2 *QERP (Questionário de Experiências com Relações Próximas)*

O QERP, desenvolvido por Brennan, Clark e Shaver (1998), e traduzido e adaptado por Moreira et al. (2006), é constituído por 36 itens, que se dividem em duas escalas compostas cada uma por 18 itens, correspondentes à dimensão de Evitação e à dimensão de Preocupação. Assim, esta medida tem como principal objectivo avaliar o estilo de vinculação no adulto. No presente estudo foi utilizada a versão reduzida, com o objectivo de reduzir o tempo de participação, uma vez que foi aplicada juntamente com outros questionários. Esta escala possui 12 itens, 6 dos quais medem a Preocupação (item exemplo “Fico ressentida quando os meus parceiros passam tempo longe de mim”) e os restantes 6 medem a Evitação (item exemplo “Fico nervosa quando os meus parceiros se tornam demasiado próximos”).

Os itens estão intercalados, de forma sistemática, sendo que os números ímpares correspondem à dimensão Evitação e os números pares são correspondentes à dimensão

Preocupação. Os itens são avaliados numa escala de Likert de 1 (“Discordo Fortemente”) a 7 (“Concordo Fortemente”). A cotação deste questionário implica que sejam invertidos os itens 1,5 e 7 que estão formulados no sentido contrário ao dos restantes. Quanto à consistência interna da escala, no presente estudo foi obtido um alfa de Cronbach de .80 para ambos os estilos de vinculação.

### ***4.2.3 Escala de Atitudes de Infidelidade***

A escala de atitudes relativamente a comportamentos extra-relacionais foi criada especificamente para este estudo. É constituída por 29 itens dispostos alternadamente entre atitudes positivas (itens exemplo: “*A infidelidade ajuda a manter uma relação*” e “*Há valores numa relação mais importantes do que a infidelidade*”) e atitudes negativas (itens exemplo: “*A infidelidade é uma traição*” e “*Uma pessoa que é infiel tem mau carácter*”) quanto a comportamentos extra-relacionais. Os participantes responderam numa escala de 1 (“Discordo Fortemente”) a 5 (“Concordo Fortemente”) de acordo com o grau em que a frase correspondia àquilo que pensam relativamente à infidelidade.

Foi feita uma análise factorial para explorar a presente escala, uma vez que foi construída especificamente para este estudo e, portanto, utilizada pela primeira vez. Da análise factorial resultaram 2 factores, tendo para tal sido utilizado o teste do “cotovelo”. Este teste baseia-se no pressuposto de que à medida que a variância comum vai sendo extraída, os factores vão explicando uma proporção menor, até que exista apenas variância específica e aleatória e os factores tendam a explicar a mesma proporção de variância. Este processo verifica-se num gráfico que apresenta um ponto que faz de “cotovelo” (Moreira, 1999). Foram incluídos num mesmo factor, os itens que apresentavam saturação igual ou superior a 0.50. Atendendo ao prazo possível para a realização deste trabalho, suprimiu-se a

fase de pré-teste, necessária sempre que se utiliza pela primeira vez um instrumento de medida. Deste modo, usou-se a amostra obtida no estudo para proceder à análise factorial.

Verificou-se que os itens do primeiro factor dizem respeito a atitudes positivas vs. atitudes negativas face à infidelidade. O segundo factor apenas possuía três itens e está relacionado com o consentimento do parceiro relativamente a comportamentos extra-relacionais (item exemplo: “*A infidelidade é aceitável se o parceiro estiver de acordo*”). Este factor surgiu de forma imprevista, uma vez que não está no âmbito deste estudo. No entanto, é um aspecto importante desta temática e poderá ser alvo de estudos futuros.

#### ***4.2.4 QMCER (Questionário Multidimensional de Comportamentos Extra-relacionais)***

O Questionário Multidimensional de Comportamentos Extra-relacionais está a ser desenvolvido por Thaysa Viegas no âmbito do seu doutoramento, estando a ser utilizado de forma experimental no presente estudo. O questionário é uma escala de Likert e procura avaliar diversos aspectos relacionados com a ocorrência de comportamentos extra-relacionais (motivos para o envolvimento extra-relacional, objectivos, consequências, etc...).

O QMCER é constituído por diferentes secções. Na primeira secção, pergunta-se ao indivíduo se está, ao momento da resposta, envolvido numa relação amorosa com compromisso de exclusividade – secção A. A esta secção responderam afirmativamente 155 participantes. Caso o indivíduo responda de forma negativa à primeira secção, é reencaminhado para a segunda secção, onde se pergunta ao indivíduo se já esteve, anteriormente, envolvido numa relação amorosa com compromisso de exclusividade – secção B. A esta secção responderam afirmativamente 47 participantes.

Na secção seguinte – secção C – é perguntado ao indivíduo se já teve algum dos comportamentos apresentados, no contexto da relação amorosa com compromisso de exclusividade. Nesta secção, são apresentados 10 itens como “*Senti-me sexualmente atraído por outra pessoa*” e “*Beije na boca de modo prolongado outra pessoa*”. Responderam a esta secção 147 participantes e interessaram-nos as respostas afirmativas de um modo geral, ou seja, interessou-nos saber se tinham ou não tido comportamentos extra-relacionais, independentemente se os consideram ou não como sendo infidelidade. Deste modo, as respostas “Aconteceu mas não acho que constituísse infidelidade” foram recodificadas, de forma a ficarem cotadas da mesma maneira que as respostas “Aconteceu e considero que foi uma infidelidade”.

A secção D destina-se aos indivíduos que respondem como nunca tendo estado envolvidos numa relação amorosa com compromisso de exclusividade e são-lhes apresentados os mesmos itens que são apresentados na secção C, embora de forma hipotética, sendo-lhes pedido que considerem que já tinham estado envolvidos numa relação amorosa com compromisso de exclusividade. Dos 155 participantes, apenas 8 participantes responderam a esta secção.

A secção E destina-se aos indivíduos que responderam, na secção C, que tinham tido comportamentos extra-relacionais e que os tinham considerado como infidelidade. Esta secção é constituída por 41 itens, cujo principal objectivo é o de avaliar diversos aspectos associados à ocorrência de comportamentos extra-relacionais (itens exemplo: “*Envolvei-me com outra pessoa porque estava desiludido com o meu parceiro*”, “*Envolvei-me com outra pessoa porque a tentação foi demasiado forte*”). Responderam a esta secção 27 participantes.

A secção F destina-se aos indivíduos que responderam negativamente à secção C, ou seja, que não tenham tido comportamentos extra-relacionais. Esta secção é constituída por 13 itens cujo objectivo é o de explorar as razões pelas quais não se envolveram nestes comportamentos (item exemplo: “*É reprovável socialmente*” e “*Porque o respeito*”). A esta secção, responderam 120 participantes.

O alfa de Cronbach obtido para a secção C foi de .865 e o alfa de Cronbach obtido para a secção D foi de .902.

Relativamente à secção E, por ser referente à ocorrência de comportamentos extra-relacionais, considerou-se importante explorá-la. No entanto, por haver poucos participantes (27) a terem respondido a esta secção, fez-se uma análise de acordo com clusters. A análise de clusters foi feita com distância euclidiana quadrática e pelo método de Ward (Borgen e Barnett, 1987). Nesta análise, foi feito agrupamento de itens. Iniciou-se a análise com diversos clusters, tendo-se verificado que a categorização é possível com 5 clusters, atendendo ao conteúdo dos itens. Assim, verificou-se que o primeiro cluster diz respeito a itens relacionados com a insatisfação com a relação (Quadro 1). O alfa de Cronbach para este cluster foi de .91.

#### **Quadro 1.** Itens constituintes do cluster 1 da secção E do QMCER

---

##### **Cluster 1**

---

- 1. Mantive uma relação com outra pessoa com o objectivo de trocar de parceiro*
  - 5. Envolvi-me com outra pessoa porque estava insatisfeito com a minha relação.*
  - 6. Envolvi-me com outra pessoa porque estava desiludido com o meu parceiro*
  - 7. Envolvi-me com outra pessoa porque estava com raiva do meu parceiro*
  - 8. Envolvi-me com outra pessoa porque estava cansado da rotina da minha relação*
-

---

17. *Envolvi-me com outra pessoa porque não havia diálogo na minha relação*

18. *Envolvi-me com outra pessoa porque me sentia distante emocionalmente*

19. *Envolvi-me com outra pessoa porque deixei de amar o meu parceiro*

38. *A minha relação terminou depois da situação de infidelidade*

---

O segundo cluster é constituído por itens que dizem respeito a razões como “a tentação” para a ocorrência de comportamentos extra-relacionais, sendo que nestes casos, os comportamentos extra-relacionais são acompanhados de sentimento de culpa pelo indivíduo. Importa ainda referir que neste tipo de infidelidade, o indivíduo adopta comportamentos extra-relacionais com o objectivo de manter a relação de compromisso primária. O alfa de Cronbach encontrado para este cluster foi de .74.

**Quadro 2.** Itens constituintes do cluster 2 da secção E do QMCER

---

**Cluster 2**

---

2. *Envolvi-me com outra pessoa com o objectivo de manter as duas relações ao mesmo tempo*

20. *Envolvi-me com outra pessoa porque a tentação foi demasiado forte*

21. *Envolvi-me com outra pessoa mesmo não querendo que isso acontecesse, mas foi mais forte do que eu*

34. *Quando penso nesse envolvimento sinto-me culpado*

---

O terceiro cluster diz respeito à ocorrência de comportamentos extra-relacionais essencialmente por necessidade de fuga à rotina, assim como conhecimento de situações de infidelidade por parte de ambos os pais. O alfa de Cronbach deste cluster foi .91.

**Quadro 3.** Itens constituintes do cluster 3 da secção E do QMCER

---

**Cluster 3**

---

- 3. O envolvimento extra-relacional que mantive foi só uma fase passageira*
  - 4. Envolvi-me com outra pessoa porque ela era muito atraente*
  - 9. Envolvi-me com outra pessoa porque precisava de uma novidade na minha vida*
  - 10. Envolvi-me com outra pessoa pela aventura que esta representava*
  - 22. Este envolvimento foi sobretudo desejo sexual*
  - 32. Tenho conhecimento de situações de infidelidade do meu pai*
  - 33. Tenho conhecimento de situações de infidelidade da minha mãe*
  - 35. Quando penso no meu envolvimento extra - conjugal sinto-me atraente e sedutor*
  - 36. Quando penso nesse envolvimento sinto-me uma pessoa interessante*
  - 37. A minha auto-estima aumentou depois desse envolvimento*
- 

O quarto cluster aponta para a ocorrência de comportamentos extra-relacionais por influência externa e melhoria da imagem pessoal perante terceiros. O alfa de Cronbach respeitante a este cluster foi de .78.

**Quadro 4.** Itens constituintes do cluster 4 da secção E do QMCER

---

**Cluster 4**

---

- 11. Envolvi-me com outra pessoa porque me senti sozinho*
  - 12. Envolvi-me com outra pessoa para melhorar a minha auto-estima*
  - 13. Envolvi-me com outra pessoa por influência de outras pessoas*
  - 14. Envolvi-me com outra pessoa para melhorar a minha imagem junto de pessoas que*
-

---

*conheço*

*15. O envolvimento aconteceu mais por iniciativa da outra pessoa do que minha*

*23. Este envolvimento foi sobretudo vontade de estar com outra pessoa que me fizesse sentir bem*

*41. A minha relação melhorou após a situação de infidelidade*

---

Por fim, o quinto e último cluster, é constituído por itens nos quais se identifica que o parceiro tomou conhecimento da relação extra-diádica. O alfa de Cronbach deste cluster é de .79.

**Quadro 5.** Itens constituintes do cluster 5 da secção E do QMCER

---

**Cluster 5**

---

*25. O meu parceiro soube desse envolvimento*

*26. O meu parceiro suspeitou desse envolvimento*

*27. O meu parceiro soube desse envolvimento porque lhe contei*

*28. O meu parceiro soube desse envolvimento porque encontrou provas (sms, mail, cabelos, perfume...)*

*29. O meu parceiro soube desse envolvimento porque nos viu*

*30. O meu parceiro soube desse envolvimento porque outra pessoa que não eu lhe contou*

*39. A minha relação piorou depois da situação de infidelidade*

---

Na secção F, fez-se análise factorial, tendo-se concluído que esta escala pode ser dividida em 3 factores. Constatou-se, pelo conteúdo dos itens de cada factor, que estes podiam ser categorizados tendo em conta a teoria da auto-determinação, abordada no enquadramento teórico.

Neste sentido, o primeiro factor, pelo conteúdo dos itens que o constituem, poderá ser considerado como referente à motivação autónoma para não ter comportamentos extra-relacionais. O alfa de Cronbach para este factor foi de .76. O segundo factor refere-se a motivação controlada como razão para não ter comportamentos extra-relacionais, sendo o seu alfa de Cronbach de .69. O terceiro factor diz respeito a motivação extrínseca, como o medo de consequências, enquanto principal razão para não ter comportamentos extra-relacionais. O alfa de Cronbach para este factor é de .62.

**Quadro 6** - Factores da Escala F do QMCER e itens que os constituem.

<b>Itens que constituem cada Factor</b>	
<i>Nunca me envolvi numa situação de infidelidade porque</i>	
<b>Factor 1 – Motivação Autónoma</b>	1. <i>O amo</i>
	2. <i>Estou satisfeito com a nossa relação</i>
	3. <i>O respeito</i>
<b>Factor 2 – Motivação Controlada</b>	5. <i>Lhe prometi fidelidade</i>
	6. <i>Condeno a traição</i>
	10. <i>É reprovável socialmente</i>
<b>Factor 3 – Motivação Extrínseca</b>	13. <i>É contra os meus princípios e compromissos religiosos</i>
	3. <i>Não tive coragem</i>
	11. <i>Tenho medo de ser descoberto</i>
	12. <i>Tenho medo das consequências para a nossa relação</i>

### 4.3 PROCEDIMENTO

A amostra do presente estudo foi recolhida na rede social da autora, orientador e colegas. A aplicação dos questionários decorreu em formato on-line, num sítio criado para o efeito e no qual os participantes responderam directamente. A distribuição do link decorreu via email.

Aquando da aplicação informática de todos os questionários, optou-se por tornar todas as perguntas obrigatórias, de forma a que os questionários fossem concluídos apenas quando todas as respostas estivessem introduzidas. Quando o participante não respondia a uma pergunta, não poderia prosseguir para o questionário seguinte, sendo que lhe era indicada qual a pergunta à qual não tinha respondido. Deste modo, não houve dados omissos.

No momento em que os participantes acediam ao link para responder aos questionários, começavam por ler o consentimento informado, onde lhes era fornecida a informação acerca do propósito do estudo, de que a sua participação era anónima, voluntária e de que as suas respostas eram confidenciais, podendo abandonar a participação a qualquer momento, se assim o desejassem. Posteriormente, preenchiam um questionário relativo aos dados demográficos, onde concediam informação acerca da sua idade, escolaridade, estatuto relacional actual, classe sócio-económica em que tinham crescido e na qual se inseriam no momento, grau de religiosidade e orientação política. Após estes dados serem validados, prosseguia o preenchimento dos questionários. Inicialmente, surgia a RAS, por se considerar que poderia ser benéfico que os participantes comesçassem por pensar na relação na qual se baseariam para responder a todos os questionários. Os participantes que se encontrassem envolvidos numa relação amorosa, no momento da participação, responderiam com base nessa mesma relação. Era pedido aos participantes

que no caso de não estarem, no momento da participação, envolvidos numa relação amorosa, reportassem as suas respostas à última relação amorosa que tiveram. No caso de nunca terem tido uma relação amorosa, era pedido aos participantes que respondessem com base naquilo que consideravam que seria uma relação na qual estivessem envolvidos.

De seguida, os participantes respondiam ao questionário de Experiências com Relações Próximas. Posteriormente, surgia a Escala de Atitudes de Infidelidade e, por fim, o Questionário Multidimensional de comportamentos extra-relacionais. Neste último, os participantes começavam por responder se estavam envolvidos numa relação amorosa com compromisso de exclusividade – secção A. Os participantes que respondiam afirmativamente eram reencaminhados para uma parte do questionário onde lhes era perguntado se, no contexto dessa mesma relação, tinham tido alguns daqueles comportamentos com outra pessoa – secção C. Quando respondiam como tendo tido comportamentos que consideravam infidelidade, eram reencaminhados para outra parte do questionário onde lhes eram perguntados aspectos relacionados com os comportamentos anteriormente referidos (objectivos, consequências, etc.) – secção E. No caso dos participantes que responderam negativamente, eram reencaminhados para uma parte do questionário, onde lhes eram perguntadas as razões pelas quais não tiveram comportamentos extra-relacionais - secção F.

Quanto aos participantes que não estavam, no momento da participação, envolvidos numa relação amorosa com compromisso de exclusividade, eram reencaminhados da mesma forma que os participantes supramencionados, mas tendo por base a(s) relação(ões) amorosa(s) com compromisso de exclusividade que tinham tido anteriormente.

Aos participantes que nunca tinham estado envolvidos numa relação amorosa com compromisso de exclusividade, era-lhes pedido que imaginassem que estavam envolvidos

numa relação da mesma natureza, sendo-lhes posteriormente perguntado se consideravam possível ocorrer, no contexto dessa relação, uma série de comportamentos associados a uma relação amorosa com uma pessoa fora da relação com compromisso de exclusividade - secção D, após a qual a sua participação terminava.

A escolha de utilizar a aplicação de questionários em formato on-line prendeu-se essencialmente com o facto de estes remeterem para informação de natureza íntima, permitindo assim que os participantes pudessem responder de forma totalmente anónima e confidencial, sem que fosse necessário a entrega dos dados pessoalmente. Contudo, a aplicação da internet como método de recolha de dados tem levantado críticas, ao mesmo tempo que lhe são apontadas diversas vantagens. No presente estudo, a principal vantagem foi a de poder recolher uma amostra relativamente numerosa, principalmente tendo em conta o tema dos questionários, que remetem para informação de natureza íntima. Permitiu ainda uma recolha de informação mais rápida, comparativamente ao método de recolha em papel, possibilitando também menor perda de informação, uma vez que os questionários apenas podiam ser validados quando todas as perguntas tinham sido respondidas. As maiores desvantagens implicadas neste método de recolha de dados prendem-se com o facto de não ser possível controlar as condições nas quais os participantes responderam. Do mesmo modo, impossibilita a explicação presencial das instruções e propósito dos questionários, o que só por si poderá influenciar o modo como os participantes respondem. Surge ainda a desvantagem de não ser possível controlar se a mesma pessoa respondeu mais do que uma vez ou se é, efectivamente, maior de 18 anos, uma vez que não foi utilizado nenhum método de controlo como IP do computador, código, entre outros (Kraut, Olson, Banaji, Bruckman, Cohen e Couper, 2004). No entanto, as desvantagens apontadas à recolha de dados via internet não parecem ter grande repercussão.

## 5. RESULTADOS

Antes de iniciar a análise de resultados, importa lembrar quais as hipóteses colocadas inicialmente neste estudo:

1. Os indivíduos com estilo de vinculação evitante apresentarão atitudes mais positivas quanto à infidelidade, o que levará a uma maior tendência por parte destes indivíduos a terem comportamentos extra-relacionais, uma vez que evitam ter intimidade emocional. Estes indivíduos também tenderão a sentirem-se insatisfeitos com as relações que têm, por evitarem a intimidade emocional, insatisfação essa que levará a uma maior propensão para a adopção de comportamentos extra-relacionais.

2. Os indivíduos com estilo de vinculação preocupado apresentarão atitudes negativas quanto à infidelidade, o que no entanto poderá ser discrepante com a ocorrência da mesma, uma vez que estes indivíduos apresentam dificuldade em manter relações românticas duradouras ao mesmo tempo que procuram contacto íntimo com regularidade. Em semelhança ao que acontece com os indivíduos *evitantes*, também os *preocupados* tenderão a estar insatisfeitos com a relação que mantêm, uma vez que procuram sempre mais proximidade com o parceiro. Esta insatisfação relacional levará, assim, a uma maior propensão para a adopção de comportamentos extra-relacionais.

Para a análise dos resultados, foram utilizados os programas estatísticos SPSS (versão 18) e AMOS (versão 19). O programa AMOS é um programa estatístico que ajuda a esclarecer os modelos causais e a relação entre as variáveis.

De forma a analisar as hipóteses, foram realizados três modelos. Começámos por incluir as variáveis referentes ao estilo de vinculação, usando somatórios de itens de evitação e o somatório dos itens de preocupação, separadamente, como indicadores. De seguida, incluiu-se a variável de atitudes em relação à infidelidade, usando os somatórios de itens da escala

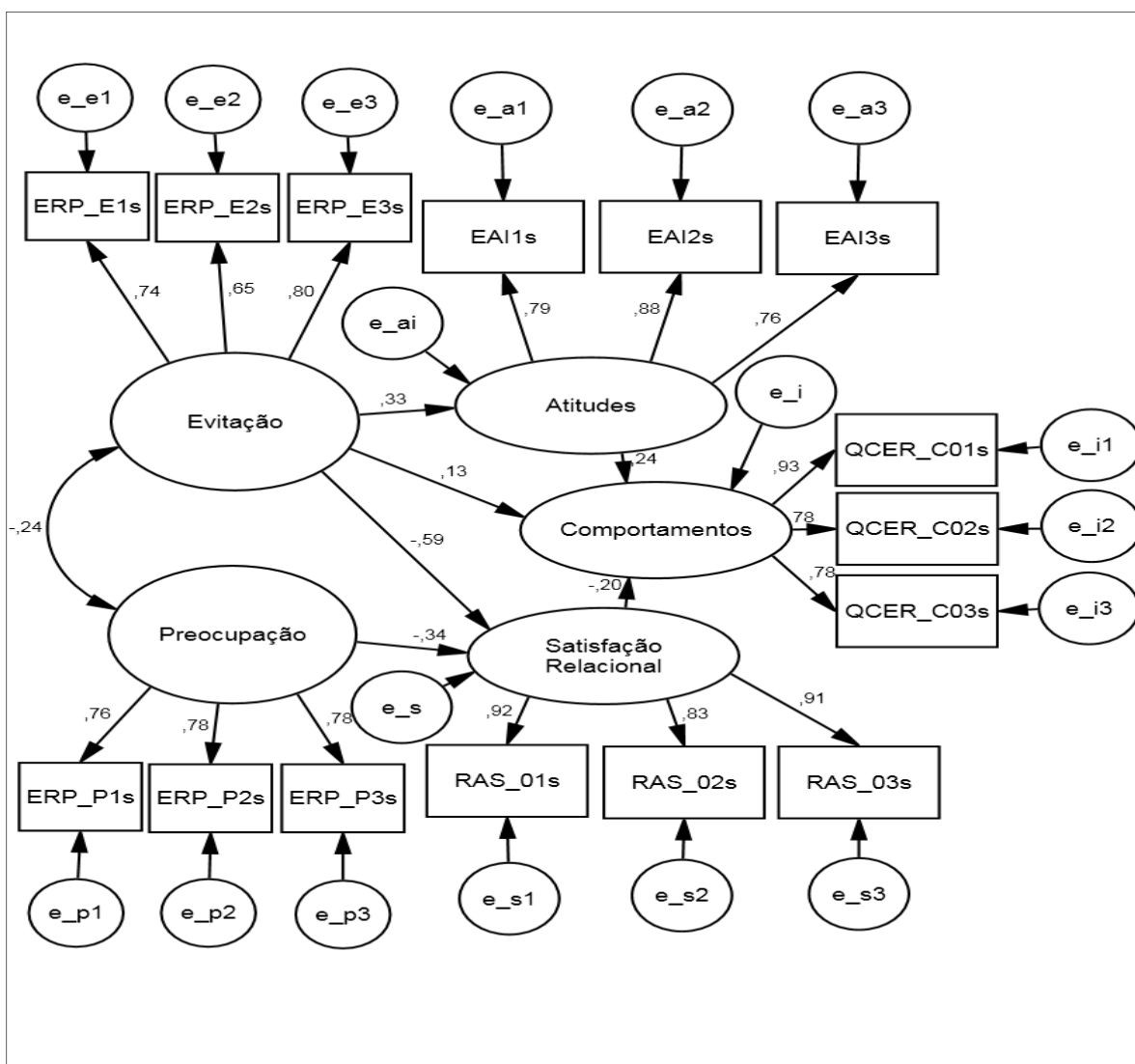
de atitudes como indicadores. Quanto à variável de satisfação com a relação, foram utilizados os somatórios dos itens da RAS como indicadores.

Para aferir a correlação directa ou indirecta entre ambos os estilos de vinculação e a ocorrência de comportamentos extra-relacionais, inseriu-se a variável referente a comportamentos extra-relacionais, usando os somatórios dos itens da secção C do QMCER como indicadores.

Quanto às motivações que levam à não ocorrência de comportamentos extra-relacionais, inclui-se a variável da motivação concordante com cada um dos factores encontrados para a secção F do QMCER. Assim, realizou-se um modelo com a variável de motivação autónoma para a não ocorrência de comportamentos extra-relacionais, usando os itens referentes ao factor 1 da secção F como indicadores. Posteriormente, realizou-se um modelo com a variável motivação controlada para a não ocorrência de comportamentos extra-relacionais, usando como indicadores os itens que constituem o factor 2 da secção F. Por fim, realizou-se um modelo com a variável motivação extrínseca para a não ocorrência de comportamentos extra-relacionais, usando como indicadores os itens referentes ao factor 3 da secção F. Em todos os modelos foram usados três indicadores para cada variável, que correspondiam ao somatório dos itens das escalas correspondentes (Little et. al, 2002). Para cada um dos modelos, foi feita a análise das diferenças entre homens e mulheres. Contudo, o número de sujeitos que respondeu a cada uma das secções do QMCER representadas nestes modelos não permite que os resultados possam ser generalizados, embora possam dar uma visão das diferenças que podem ocorrer entre homens e mulheres.

### Análise da ocorrência de comportamentos extra-relacionais

Reportando-nos agora ao ajustamento do modelo referente à ocorrência de comportamentos extra-relacionais, encontramos  $\chi^2 (83) = 157,12, p < 0.0005 \chi^2/df = 1,89$  NFI = .87, CFI = .94, RMSEA = .078, sendo por isso um bom ajustamento.



**Figura 2.** Modelo para a ocorrência de comportamentos extra-relacionais

Verifica-se neste modelo que o estilo de vinculação evitante tem efeito directo na ocorrência de comportamentos extra-relacionais, embora o resultado não seja significativo (.13). O efeito que a *evitação* tem na ocorrência destes comportamentos apenas se torna

significativo quando é mediado pelas atitudes relativamente a comportamentos extra-relacionais (.24) e pela satisfação relacional (-.20). Verifica-se ainda que não houve efeito directo da *preocupação* na adopção de comportamentos extra-relacionais nem houve efeito desta sobre as atitudes, mas sim sobre e através da satisfação relacional (-.34).

No que diz respeito à diferença entre homens e mulheres quanto à ocorrência de comportamentos extra-relacionais, as diferenças foram significativas,  $F(2, 114) = 0.90$ ,  $p = .50$ , sendo para os homens,  $M = 13.36$  e para as mulheres,  $M = 11.65$ . Quanto às diferenças entre géneros relativamente às atitudes acerca da infidelidade, as diferenças foram significativas,  $F(2, 114) = 0.90$ ,  $p = .50$ , sendo para os homens,  $M = 15.86$  e para as mulheres,  $M = 13.78$ .

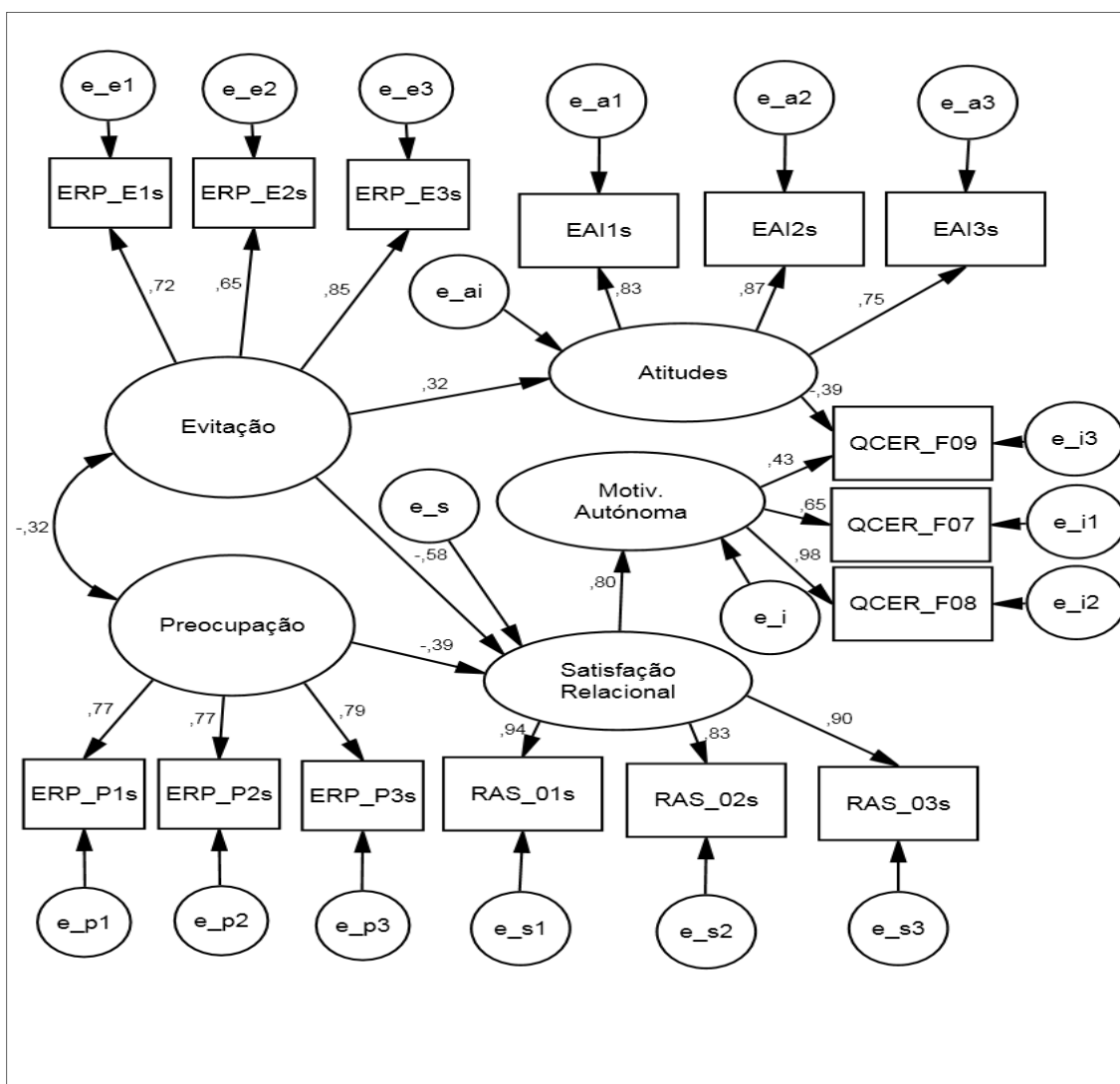
#### *Análise das motivações para a não ocorrência de comportamentos extra-relacionais*

Relativamente aos modelos referentes às motivações subjacentes à não ocorrência de comportamentos extra-relacionais, começaremos pela motivação autónoma. O ajustamento deste modelo é razoável, sendo que encontramos  $\chi^2(84) = 153,07$ ,  $p < 0.0005$ ,  $\chi^2/df = 1,82$ , NFI = .86, CFI = .93, RMSEA = .083.

Verifica-se que a motivação autónoma para a não ocorrência de comportamentos extra-relacionais depende maioritariamente da satisfação relacional (.80), enquanto variável mediadora, não existindo efeito mediador das atitudes, com excepção de um item da secção F (“Nunca me envolvi numa situação de infidelidade porque o respeito”). Isto significa que quanto mais os indivíduos estão satisfeitos com a relação, maior será a tendência para haver uma motivação autónoma que impeça a ocorrência de comportamentos extra-relacionais. Nenhum dos estilos de vinculação tem efeito directo sobre a motivação autónoma.

Quanto à diferença entre homens e mulheres, as diferenças não foram significativas,  $F(3, 116) = 0.90, p = .50$ , sendo para os homens,  $M = 12.16$  e para as mulheres,  $M = 13.13$ .

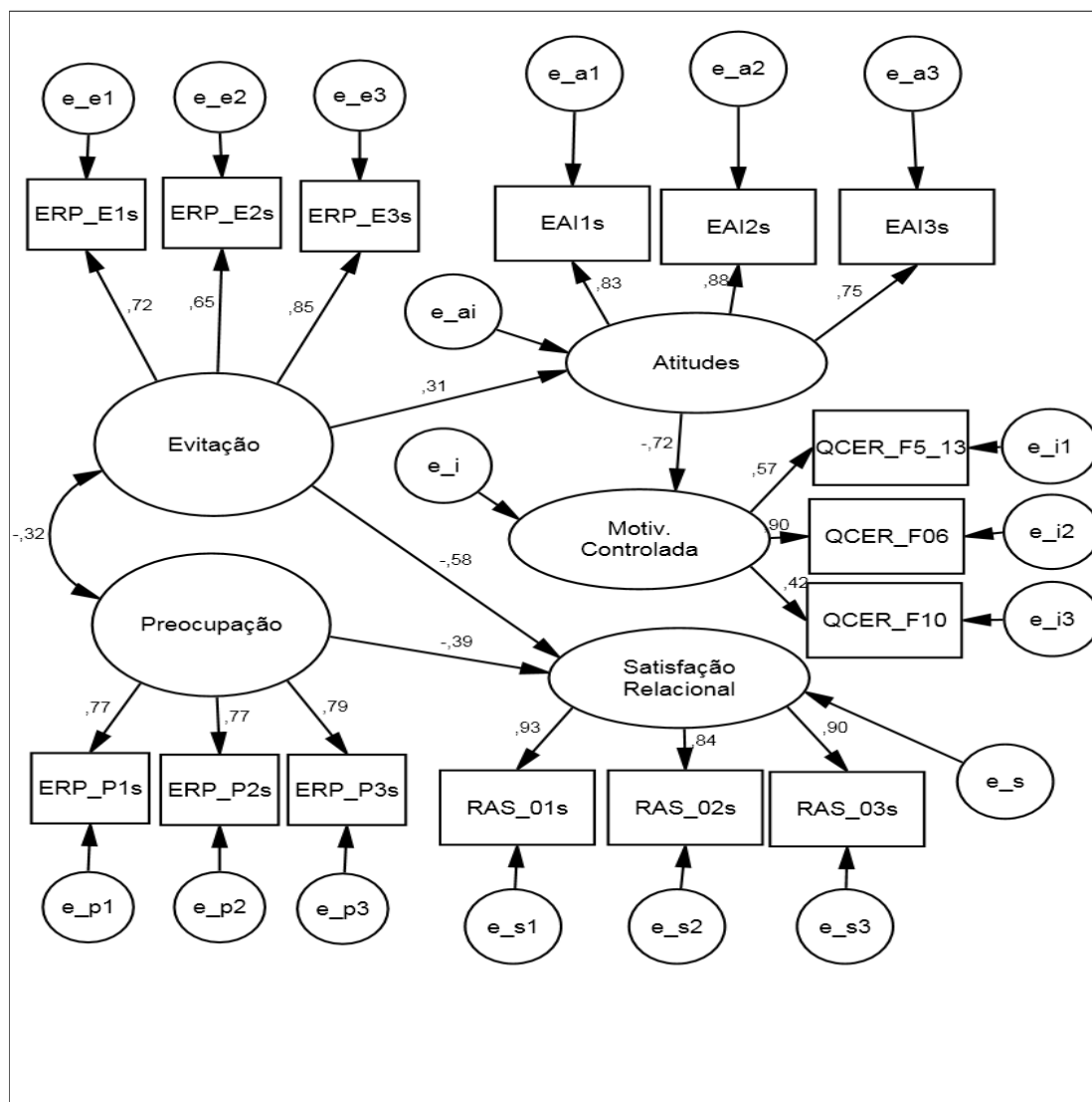
**Figura 3.** Modelo para a motivação autónoma



Quanto ao modelo de motivação controlada para a não ocorrência de comportamentos extra-relacionais, encontramos um bom ajustamento, sendo  $\chi^2 (85) = 135,655, p < 0.0005, \chi^2/df = 1,596, NFI = .859, CFI = .941, RMSEA = .71$ .

Neste modelo, verifica-se que há um maior efeito, ainda que indirecto, da *evitação* (-.22) sobre a motivação controlada para a não ocorrência de comportamentos extra-relacionais do que da *preocupação*. Nenhum dos estilos de vinculação tem efeito directo com a motivação controlada, tal como acontece com a satisfação relacional. Apenas as atitudes desempenham um papel mediador da *evitação* sobre a motivação controlada para a não ocorrência de comportamentos extra-relacionais. Verifica-se também que o estilo de vinculação preocupado não tem efeito sobre as atitudes.

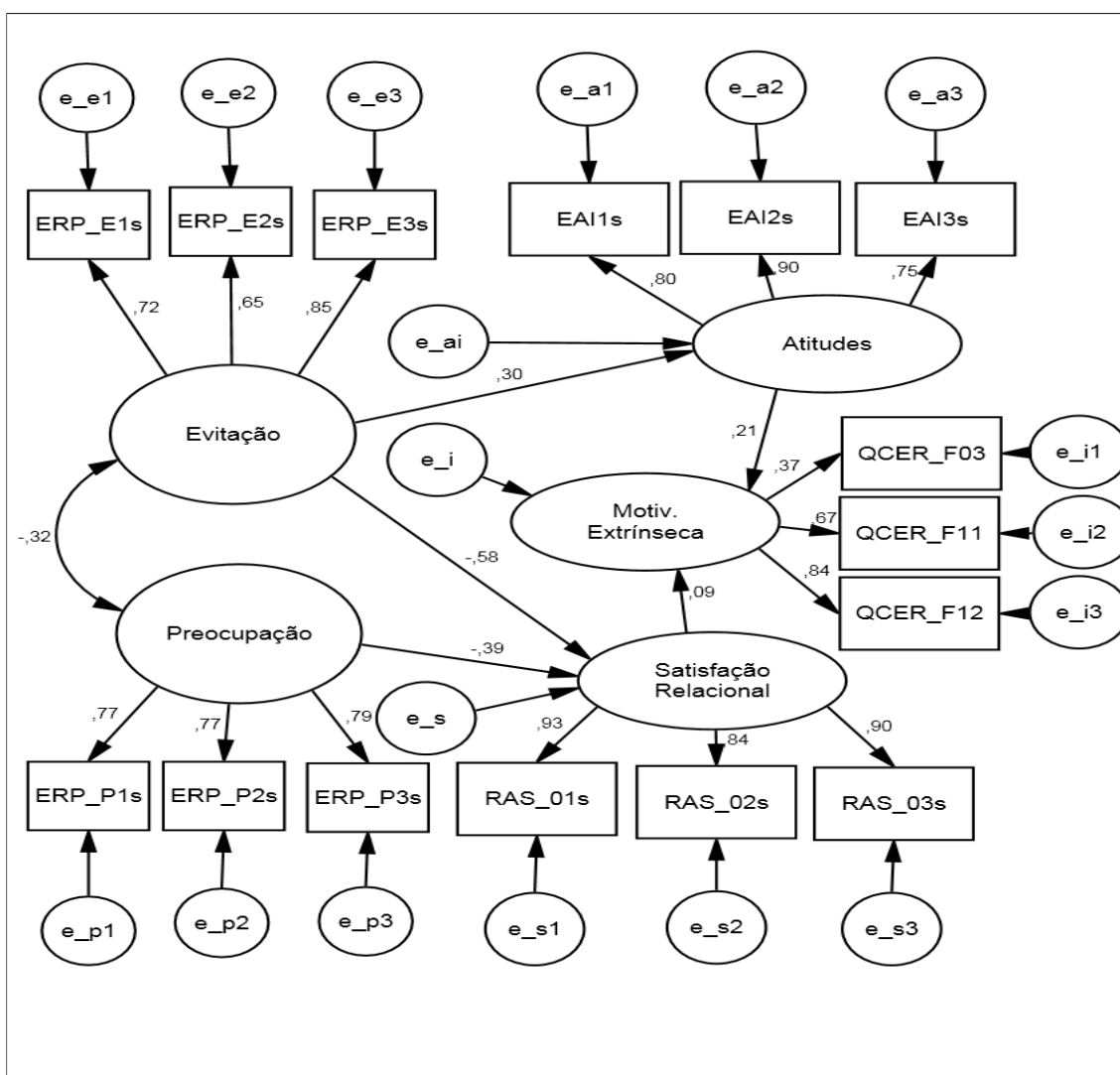
**Figura 4.** Modelo para a motivação controlada



Relativamente à diferença entre homens e mulheres, as diferenças não foram significativas,  $F(3, 116) = 0.90$ ,  $p = .50$ , sendo para os homens,  $M = 6.44$  e para as mulheres,  $M = 6.11$ .

No que diz respeito ao ajustamento do modelo de motivação extrínseca para a não ocorrência de comportamentos extra-relacionais, encontramos um bom ajustamento, sendo  $\chi^2(84) = 106,871$ ,  $p < 0.0005$   $\chi^2/df = 1,272$  NFI = .879, CFI = .971, RMSEA = .48.

**Figura 5.** Modelo para a motivação extrínseca



Verifica-se que não existe efeito directo de nenhum dos estilos de vinculação na motivação extrínseca para a não ocorrência de comportamentos extra-relacionais. O efeito que a satisfação relacional tem neste género de motivação verificou-se não ser significativo (.09), pelo que as atitudes relativamente a comportamentos extra-relacionais revelaram ter efeitos superiores (.21).

Deste modo, aquilo que se verifica é que quanto mais atitudes positivas um indivíduo tem relativamente a comportamentos extra-relacionais, maior será a sua motivação extrínseca para não os adoptar, ao mesmo tempo que o nível de motivação controlada para não ter comportamentos extra-relacionais será menor.

No que diz respeito à diferença entre homens e mulheres quanto à motivação extrínseca para a não ocorrência de comportamentos extra-relacionais, as diferenças foram significativas,  $F(3, 116) = 0.90$ ,  $p = .50$ , sendo para os homens,  $M = 7.04$  e para as mulheres,  $M = 5.78$ .

Relativamente à secção D do QMCER, foi feita uma análise de regressão linear, uma vez que a amostra relativamente a esta secção era pequena para analisar no programa informático AMOS. Contudo, os resultados foram confusos e optou-se por não apresentá-los, não só porque foram muito poucos sujeitos (8) a responder a esta secção do questionário, mas também porque esta secção se destinava a situações hipotéticas acerca de relações hipotéticas de sujeitos que nunca tiveram uma relação amorosa de compromisso.

Quanto aos 5 clusters encontrados para a secção E do QMCER, também foi feita uma análise de regressão linear para cada um destes clusters, pelo mesmo motivo relativamente à secção D. A regressão linear foi feita em dois passos. No primeiro, juntou-se apenas ambos os estilos de vinculação. No segundo passo, juntaram-se as variáveis

satisfação relacional e atitudes relativamente a comportamentos extra-relacionais, de forma a compreender se estas mediavam os resultados obtidos. Posteriormente, procedeu-se à análise da diferença entre géneros, embora os sujeitos que tenham respondido a esta secção sejam pouco numerosos. Neste sentido, os resultados obtidos através da regressão linear nunca foram significativos, pelo que deverão ser vistos essencialmente como fonte de hipóteses para futuros estudos.

Relativamente ao primeiro cluster, verifica-se que os indivíduos *preocupados* apresentam tendência para adoptar comportamentos extra-relacionais, quando estão insatisfeitos com a relação de compromisso na qual estão envolvidos, o que aponta para uma influência da satisfação relacional na ocorrência de comportamentos extra-relacionais. Assim, verificou-se que quanto menos satisfeitos os indivíduos estão, tenderão a, mais facilmente, adoptar comportamentos extra-relacionais. Quanto ao estilo de vinculação evitante, verificou-se que a insatisfação relacional não parece ser um factor que contribua para maior ocorrência de comportamentos extra-relacionais nos sujeitos *evitantes*.

**Quadro 7.** Resultados da regressão linear do cluster 1 da secção E do QMCER

	$\beta$	$t$	<i>Sig.</i>
ERP_E	-.16	-0.82	.94
ERP_P	.347	1.81	.08
ERP_E	-.07	-0.26	-.80
ERP_P	.34	1.70	.11
RAS	-.10	-0.45	.66
EAI	.02	0.06	.95

As diferenças entre homens e mulheres encontradas não foram significativas  $F(5, 21) = 0.90$ ,  $p = .50$ , sendo, para os homens,  $M = 19.18$  e para as mulheres,  $M = 21.56$ .

No que diz respeito ao segundo cluster, verifica-se que existe efeito das pessoas que são menos *evitantes* na ocorrência de comportamentos extra-relacionais associados à tentação e ao sentimento de culpa após a sua ocorrência. Verifica-se que o principal efeito pertence à satisfação relacional e às atitudes negativas relativamente à infidelidade.

**Quadro 8.** Resultados da regressão linear do cluster 2 da secção E do QMCER

	$\beta$	$t$	<i>Sig.</i>
ERP_E	-.25	-1.24	.23
ERP_P	.02	.09	.93
ERP_E	.02	.09	.93
ERP_P	.02	.12	.91
RAS	.37	1.63	.12
EAI	-.30	-1.38	.18

As diferenças entre géneros, também aqui não foram significativas,  $F(5, 21) = 0.90$ ,  $p = .50$ , sendo, para os homens,  $M = 9.27$  e para as mulheres,  $M = 10.75$ .

No terceiro cluster, verifica-se que são os indivíduos menos *evitantes* que adoptam comportamentos extra-relacionais associados à fuga da rotina, sendo que o efeito da satisfação relacional e das atitudes quanto à infidelidade não foram significativos.

No que respeita às diferenças entre géneros, neste cluster, as diferenças não foram significativas,  $F(5, 21) = 0.90$ ,  $p = .50$ , sendo, para os homens,  $M = 23.27$  e para as mulheres,  $M = 23.31$ .

**Quadro 9.** Resultados da regressão linear do cluster 3 da secção E do QMCER

	$\beta$	$t$	<i>Sig.</i>
ERP_E	-.28	-1.43	.16
ERP_P	.13	.66	.51
ERP_E	-.31	-1.21	.24
ERP_P	.13	.62	.54
RAS	-.04	-.16	.88
EAI	.03	.14	.89

No quarto cluster, o maior efeito foi encontrado no estilo de vinculação preocupado e na satisfação relacional, indicando que, apesar de satisfeitos com a relação, os indivíduos preocupados têm maior tendência a adoptar comportamentos extra-relacionais por influência externa, com o objectivo de melhorar a sua imagem perante as outras pessoas.

**Quadro 10.** Resultados da regressão linear do cluster 4 da secção E do QMCER

	$\beta$	$t$	<i>Sig.</i>
ERP_E	-.04	-.23	.82
ERP_P	.35	1.82	.08
ERP_E	.15	.64	.53
ERP_P	.39	2.06	.05
RAS	.40	1.81	.08
EAI	-.07	-.33	.75

Neste cluster, as diferenças entre homens e mulheres não foram significativas,  $F(5, 21) = 0.90$ ,  $p = .50$ , sendo, para os homens,  $M = 15.27$  e para as mulheres,  $M = 14.31$ .

Por fim, no quinto cluster, verifica-se que o único efeito significativo encontrado refere-se às atitudes quanto à infidelidade. Assim, as atitudes positivas relativamente a comportamentos extra-relacionais, leva a uma maior tendência para que o parceiro venha a saber da ocorrência destes.

**Quadro 11.** Resultados da regressão linear do cluster 5 da secção E do QMCER

	$\beta$	$t$	<i>Sig.</i>
ERP_E	.01	.06	.96
ERP_P	-.01	-.07	.95
ERP_E	-.06	-.23	.82
ERP_P	.03	.13	.90
RAS	.05	.19	.85
EAI	.25	1.04	.31

Quanto às diferenças encontradas neste cluster entre homens e mulheres, não foram significativas,  $F(5, 21) = 0.90$ ,  $p = .50$ , sendo, para os homens,  $M = 12.73$  e para as mulheres,  $M = 13.38$ .

## 6. DISCUSSÃO DE RESULTADOS

No modelo que se refere à ocorrência de comportamentos extra-relacionais, os resultados obtidos apoiam a primeira hipótese colocada, uma vez que se verifica um maior efeito da evitação, ainda que maioritariamente mediado pelas variáveis respeitantes a

satisfação relacional e a atitudes relativamente a comportamentos extra-relacionais. Nos indivíduos *evitantes*, tal como esperado, existem atitudes positivas relativamente a comportamentos extra-relacionais, ao mesmo tempo que se verifica insatisfação relacional. Este efeito deve-se provavelmente ao facto de estes indivíduos evitarem intimidade emocional, o que torna a relação pouco satisfatória para eles, já que o parceiro procura sempre maior proximidade, o que, aliado a atitudes positivas quanto a comportamentos extra-relacionais, aumenta a ocorrência dos mesmos (Griffin e Bartholomew, 1994).

Relativamente ao estilo de vinculação preocupado, apenas se verificou efeito, ainda que pouco significativo, através da satisfação relacional, mais concretamente, que os indivíduos *preocupados* tendem a estar insatisfeitos com a sua relação. Neste caso, a insatisfação relacional prende-se essencialmente com a dificuldade que estes indivíduos têm em manter uma relação, pois ao serem mais dependentes, possuem mais receio de perder o parceiro, levando-os a adoptar mais comportamentos de possessividade para com este (Griffin e Bartholomew, 1994).

No que diz respeito ao modelo da motivação autónoma para a não ocorrência de comportamentos extra-relacionais, verificou-se que o principal efeito, para ambos os estilos de vinculação, é o da satisfação relacional. Este efeito é explicado pelo facto de a motivação autónoma se constituir como uma razão que foi integrada no self para a realização ou não de um determinado comportamento (Deci e Ryan, 2008). Depreende-se assim, que a satisfação relacional se constitui como uma motivação autónoma, e portanto integrada no self, para a não realização de comportamentos extra-relacionais.

Quanto ao modelo da motivação controlada para a não ocorrência de comportamentos extra-relacionais, verifica-se que o maior efeito é o das atitudes relativamente a estes comportamentos, sendo o efeito da satisfação relacional pouco

significativo. O efeito das atitudes na motivação controlada para não ter comportamentos extra-relacionais poderá ser explicado atendendo ao facto de a motivação controlada consistir em comportamentos que são regulados externamente, mas que em parte foram internalizados pelo indivíduo (Deci e Ryan, 2008), tal como acontece com as atitudes.

Nos resultados obtidos no modelo referente à motivação extrínseca para a não ocorrência de comportamentos extra-relacionais, verifica-se novamente que não existe efeito significativo da satisfação relacional, mas sim das atitudes. Este resultado é explicado tendo em conta que a motivação extrínseca diz respeito a comportamentos que são realizados tendo apenas em vista a obtenção de resultados externos ao indivíduo, como recompensas (Ryan e Deci, 2000). Facilmente se depreende que as atitudes têm um papel importante naquilo que o indivíduo considera como sendo correcto socialmente e daí, apenas estas constituírem uma variável mediadora para a não ocorrência de comportamentos extra-relacionais.

Em nenhum dos modelos referentes às motivações para a não ocorrência de comportamentos extra-relacionais foi verificada relação directa entre estes e os estilos de vinculação, o que provavelmente se prende com o facto de os diferentes tipos de motivação estarem relacionados com aspectos que predominam sobre os aspectos associados aos estilos de vinculação. Por outras palavras, as motivações que levam um indivíduo a adoptar ou não comportamentos extra-relacionais estão fortemente ligadas com as variáveis respeitantes à satisfação relacional e às atitudes quanto a estes comportamentos, sendo que este efeito se sobrepõe ao dos estilos de vinculação.

Quanto aos resultados obtidos através de regressão linear e que dizem respeito a diferentes aspectos associados à ocorrência de comportamentos extra-relacionais (secção E do QMCER), foram encontrados resultados interessantes, que contudo não podem ser

generalizados, atendendo ao facto de se referirem a uma amostra diminuta. No entanto, proceder-se-á à sua interpretação, por poderem estabelecer sugestões para estudos futuros. Quanto ao primeiro cluster, associado à insatisfação com a relação, verificou-se que os indivíduos mais *preocupados* adoptam comportamentos extra-relacionais associados a esta insatisfação. Este resultado é congruente com a hipótese de que estes indivíduos estão, tendencialmente, mais insatisfeitos com as suas relações amorosas. Pelo contrário, o estilo de vinculação evitante não está relacionado com este tipo de infidelidade. Este resultado pode estar associado ao facto de os indivíduos *preocupados*, tal como os *seguros*, procurarem mais, comparativamente aos indivíduos *evitantes*, uma relação íntima satisfatória.

Nos comportamentos extra-relacionais que ocorrem devido à procura de maior satisfação sexual, associada a sentimentos de culpa (cluster 2), verifica-se uma tendência dos indivíduos menos *evitantes* para adoptarem comportamentos extra-relacionais neste contexto. Neste cluster, verificou-se que apesar de os indivíduos estarem satisfeitos com a sua relação e de terem atitudes negativas face à infidelidade, podem ter comportamentos extra-relacionais motivados pela tentação. Desde modo, é compreensível que se sintam culpados após a situação de infidelidade, pois não têm por objectivo terminar a relação com compromisso de exclusividade que mantêm. Este resultado é assim discordante com a teoria da acção planeada, que prevê uma relação entre as atitudes relativamente a um comportamento e a probabilidade de o adoptar (Ajzen, 1987).

Nos resultados encontrados no cluster 3, verificou-se uma maior tendência dos indivíduos menos evitantes para adoptarem comportamentos extra-relacionais motivados pela procura de fuga à rotina, sem que haja efeito significativo da satisfação relacional e das atitudes face à infidelidade. Assim, parece não haver uma relação que explique a influência

das variáveis do presente estudo na ocorrência de comportamentos extra-relacionais enquanto fuga à rotina.

Os resultados encontrados relativamente ao cluster 4, que diz respeito à adoção de comportamentos extra-relacionais como forma de melhorar a sua imagem perante terceiros, verificou-se um maior efeito da *preocupação* e da satisfação relacional. Assim, parece que os indivíduos preocupados, apesar de estarem satisfeitos com a relação, podem adotar comportamentos extra-relacionais apenas por influência externa. Este estilo de infidelidade pode ser associado a pessoas mais influenciáveis, característico das pessoas *preocupadas*.

No quinto cluster não se encontrou efeito significativo de nenhum dos estilos de vinculação, nem da satisfação relacional. Apenas se verificou efeito das atitudes positivas. Possivelmente, ao ter atitudes positivas relativamente à infidelidade, o indivíduo poderá ter mais facilidade em contar ao parceiro a situação extra-diádica. Aliás, pode haver uma relação entre as atitudes de ambos os parceiros relativamente à infidelidade e à real ocorrência desta.

De um modo geral, as diferenças encontradas entre homens e mulheres foram pouco significativas, sendo que a amostra é pequena para que estes resultados possam ser generalizados. As diferenças mais significativas dizem respeito ao modelo de ocorrência de comportamentos extra-relacionais, onde se verifica uma maior tendência dos homens para a adoção destes comportamentos. Verificou-se também que os homens, comparativamente às mulheres, parecem ter mais motivações extrínsecas para não adotarem comportamentos extra-relacionais.

## LIMITAÇÕES E IMPLICAÇÕES

Como qualquer investigação, este estudo não está isento de limitações. Assim, uma das principais limitações refere-se à amostra, que para além de ser pouco numerosa, também não é representativa da população em geral. Se por um lado, apenas se obteve a participação de 39 sujeitos do sexo masculino, por outro lado, a amostra apenas inclui sujeitos com mais do que o ensino secundário e com idades que não ultrapassam os 60 anos. Deste modo, os resultados aqui obtidos não podem ser generalizados à população em geral. Alguns resultados poderiam tornar-se significativos na presença de uma amostra maior.

Outra importante limitação refere-se ao facto de este estudo se debruçar sobre comportamentos socialmente indesejáveis, o que naturalmente dificulta o acesso a informação por parte de pessoas que já tenham tido relações extra-diádicas, pois dificilmente estas pessoas conseguirão admiti-lo, mesmo que lhes seja transmitido que todas as suas respostas são anónimas e confidenciais.

Neste sentido, emergem sugestões para investigações futuras que, com a obtenção de uma amostra maior, poderão encontrar diferentes resultados. Assim, surgem alguns temas que poderão ser explorados com mais detalhe em futuras investigações, como o seja o Factor 2 encontrado na escala de atitudes e que se refere à influência que o consentimento do parceiro pode ter na aceitação de relações extra-diádicas. Os resultados obtidos na regressão linear da secção E do QMCER foram interessantes, mas pouco significativos pelo facto de a amostra ser pequena, pelo que poderá ser vantajoso replicar o estudo, obtendo uma amostra maior.

Não foi encontrada relação directa entre os estilos de vinculação e as motivações para a não ocorrência de comportamentos extra-relacionais. No entanto, não se consegue perceber claramente se as variáveis da motivação são preditivas da infidelidade. Assim, em

estudos futuros, para que tal informação possa ser obtida, seria necessário que todos os sujeitos da amostra respondessem à secção F do QMCER, fazendo as adaptações necessárias, uma vez que incluiria os sujeitos que referissem ter tido comportamentos extra-relacionais.

## **CONCLUSÃO**

O estilo de vinculação tem sido amplamente estudado com o propósito de uma maior compreensão do indivíduo, com consequentes melhorias na terapia. É um elemento base na forma como um indivíduo se comporta nas relações interpessoais que mantém. A forma como o indivíduo narra a sua história, as distorções, as incoerências e as recusas são possíveis indicadores dos seus modelos internos de trabalho. Assim, é importante fazer uma avaliação daquilo que o sujeito interiorizou ao longo da sua história de vida – desvalorização das emoções, perfeccionismo – que irá ajudar o terapeuta a compreender o que a situação trazida para a terapia representa para aquela pessoa (Guedeney, 2004).

O estilo de vinculação assume assim um papel importante em terapia, rumo a uma maior compreensão da forma como o cliente se relaciona com as pessoas na sua rede social. Mais especificamente, as relações românticas desempenham um papel basilar na vida dos indivíduos, e portanto é também um tema frequentemente abordado em terapia. Este estudo pode assim contribuir para uma maior compreensão do indivíduo no seio das suas relações românticas. Mais concretamente, o presente estudo contribuiu para que se consiga diferenciar vários tipos de infidelidade, assim como para perceber as variáveis que estão na base desses mesmos tipos de infidelidade. Isto sem excluir a hipótese de existirem mais tipos de infidelidade que não tenham sido identificados neste trabalho. Abre-se assim uma

nova janela na compreensão dos comportamentos extra-diádicos, o que pode ajudar a adaptar as intervenções de acordo com os diferentes tipos de infidelidade.

No que se refere ao primeiro cluster encontrado na secção E do QMCER, estamos essencialmente perante um tipo de infidelidade que ocorre na procura de maior satisfação relacional, que não é conseguida na relação de compromisso na qual o indivíduo está envolvido. Em terapia, talvez seja necessário que o indivíduo seja levado a fazer uma análise cuidada daquilo que para si representa uma relação na qual se sinta satisfeito, ajudando-o a adoptar padrões mais adaptativos.

No segundo cluster, encontramos um tipo de infidelidade que ocorre sem que o indivíduo planeasse a situação, mas que por motivos contextuais, ocorreu. Nestes casos, o indivíduo está satisfeito com a relação e, inclusivamente, tem atitudes negativas relativamente à infidelidade, mas refere que por “tentação”, não conseguiu resistir. Nestas situações, visto haver satisfação relacional, é provável que haja uma motivação autónoma para estar envolvido na relação, o que leva o indivíduo a sentir-se culpado quando comete uma transgressão na relação. Neste sentido, em terapia, poderá ser importante ajudar o indivíduo a adquirir competências que o ajudem a lidar com estas emoções, mais concretamente, com a culpa, que muitas vezes pode ser construtiva para a relação.

No terceiro cluster, encontramos um tipo de infidelidade que corresponde à procura de fuga à rotina e à conseqüente melhora na auto-estima após o envolvimento extra-relacional. Neste caso, aquilo que poderá ser trabalhado em terapia serão as crenças que o indivíduo tem relativamente ao que uma relação de compromisso envolve e as razões pelas quais o indivíduo sente necessidade de ter uma relação extra-diádica para melhorar a sua auto-estima, o que provavelmente envolve intervenção na área da auto-estima.

No quarto cluster, encontramos um tipo de infidelidade que ocorre essencialmente por influência externa e com o fim de melhorar a imagem perante outras pessoas. Daqui se depreende que este tipo de infidelidade poderá estar associado a pessoas mais *preocupadas* e influenciáveis, cuja auto-estima depende da imagem que as outras pessoas têm de si. Importa assim, e à semelhança do terceiro cluster, fazer em terapia uma intervenção que permita melhorar o nível de auto-estima destes indivíduos.

Deste modo, ao avançar-se para uma adaptação da intervenção neste tipo de situações, caminha-se para uma evolução na terapia, cujo principal objectivo é o de ajudar as pessoas sem as julgar. Ao debruçarmo-nos sobre questões que são socialmente indesejáveis e que talvez para muitas pessoas possam constituir assuntos tabu, ajudamo-las a enfrentar e ultrapassar situações que lhes são fonte de angústia.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Ajzen, I. (1991). The theory of planned behavior. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 50, 179-211.

Bartholomew, K. e Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: A Test of a Four-Category Model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61, 226-244.

Blais, M. R., Sabourin, S., Boucher, C., e Vallerand, R. J. (1990). Toward a motivational model of couple happiness. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59, 1021-1031.

Bogaert, A. F. e Fisher, W. A. (1995). Predictors of university men's number of sexual partners. *The Journal of Sex Research*, 32, 119-130.

Bogaert, A. F. e Sadava, S. (2002). Adult attachment and sexual behavior. *Personal Relationships*, 9, 191-204.

Borgen, F. H., e Barnett, D. C. (1987). Applying cluster analysis in counseling psychology research. *Journal of Counseling Psychology*, 34, 456-468.

Bowlby, J. (1975). *Attachment and loss: separation: anxiety and anger*. Vol. 2. Penguin Books.

Brennan, K. A., Clark, C. L., e Shaver, P. R. (1998). Self-report measurement of adult romantic attachment: An integrative overview. In J. A. Simpson e W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 46-76). New York: Guilford.

Burdette, A., Ellison, C., Sherkat, D. e Gore, K. (2007). Are there religious variations in marital infidelity? *Journal of Family Issues*, 28, 1553-1581.

Crowell, J. A. e Waters, E. (1994). Bowlby's theory grown up: The role of attachment in adult love relationships. *Psychological Inquiry*, 1, 31-34.

Drigotas, S., Safstrom, C. e Gentilia, S. (1999). An investment model prediction of dating infidelity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 3, 509-524.

Drigotas, S. e Rusbult, C. (1992). Should I stay or should I go? A dependence model of breakups. *Journal of Personality and Social Psychology*, 62, 62-87.

Drigotas, S. e Barta, W. (2001). The cheating heart: scientific explorations of infidelity. *Current Directions in Psychological Science*, 10, 177-180.

Feeney, J. A., Peterson, C., Gallois, C. e Terry, D. J. (2000). Attachment style as a predictor of sexual attitudes and behavior in late adolescence. *Psychology and Health*, 14, 1105-1122).

Feeney, J. A. (2002). Attachment-related dynamics: What can we learn from self-reports of avoidance and anxiety? *Attachment & Human Development*, 2, 193-200.

Freley, R. C. e Shaver, P. R. (2000). Adult romantic attachment: theoretical developments, emerging controversies, and unanswered questions. *Review of General Psychology*, 2, 132-154.

Gentzler, A. e Kerns, K. (2004). Associations between insecure attachment and sexual experiences. *Personal Relationships*, 11, 249-265.

Glass, S. e Wright, T. (1985). Sex differences in type of extramarital involvement and marital dissatisfaction. *Sex Roles*, 12, 1101-1120.

Glass, S. e Wright, T. (1992). Justifications for extramarital relationships: The associations between attitudes, behaviors and gender. *The Journal of Sex Research*, 3, 361-987.

Griffin, D. e Bartholomew, K. (1994). Models of the self and other: fundamental dimensions underlying measures of adult attachment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 3, 430-445.

Guedeney, N. (2004). Teoria da vinculação e sua aplicação às técnicas psicoterapêuticas no adulto. In Guedeney, N. e Guedeney, A. Vinculação: Conceitos e aplicações (pp. 175-181). Lisboa: Climepsi.

Hansen, G. L. (1987). Extradadic relations during courtship. *The Journal of Sex Research*, 23, 382-390.

Hazan, C. e Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 3, 511-524.

Hazan, C. e Shaver, P. (1990). Love and work: An attachment theoretical perspective. *Journal of Personality and Social Psychology*, 2, 270-280.

Hazan, C. e Shaver P. (1994). Deeper into attachment theory. *Psychological Inquiry*, 1, 68-79.

Hendrick, S. (1988). A generic measure of relationship satisfaction. *Journal of Marriage and the Family*, 50, 93-98.

Klohnen, E.C e John, O.P. (1998). Working models of attachment: A theory-based prototype approach. In Simpson, J.A e Rholes, W.S, *Attachment theory and close relationships* (pp. 115-140). New York. Guilford.

Kraut, R., Olson, J., Banaji, M., Bruckman, A., Cohen, J., e Couper, M. (2004). Psychological research online: Reports of board of scientific affair's advisory group on the conduct of research on the internet. *American Psychologist*, 59, 105-117.

Lewandowski, G.W e Ackerman, R. A. (2006). Something's missing: Need fulfillment and self-expansion as predictors of susceptibility to infidelity. *The Journal of Social Psychology*, 4, 389-403.

Lieberman, B. (1988). Extrapremarital intercourse: Attitudes toward a neglected sexual behavior. *The Journal of Sex Research*, 24, 291-299.

Lima, L.P (2006). Atitudes: Estrutura e mudança. In J. Vala e M. B. Monteiro (7ª Ed.), *Psicologia Social* (pp.187-225). Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

Little, T. D., Cunningham, W. A., Shahar, G., e Widaman, K. F. (2002). To parcel or not to parcel: Exploring the question, weighing the merits. *Structural Equation Modeling*, 9, 151-173.

McAnulty, R. e Brineman, J. (2007) Infidelity in dating relationships. *Annual Review of Sex Research*, 17, 94-114.

Moreira, J. M. (1999). A razão de erros-padrões: Um critério objectivo para o teste do “cotovelo” na determinação do número de factores na análise em componentes principais. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 34, 111-147.

Previti, D. e Amato, P. R. (2004). Is infidelity a cause or a consequence of poor marital quality?. *Journal of Social and Personal Relationships*, 2, 217-230.

Rusbult, C. e Buunk, B. (1993). Commitment processes in close relationships: an interdependence analysis. *Journal of Social and Personal Relationships*, 10, 175-204.

Ryan, R.M. e Deci, E.L. (2000). Intrinsic and extrinsic motivations: Classic definitions and new directions. *Contemporary Educational Psychology*, 25, 54-67.

Ryan, R.M. e Deci, E.L. (2008). Self - determination theory: a macrotheory of human motivation, development and health. *Canadian Psychology*, 3, 182-185.

Schachner, D.A e Shaver, P.R (2002). Attachment style and human mate poaching. *New Review of Social Psychology*, 1, 121-129.

Schachner, D.A e Shaver, P.R (2004). Attachment dimensions and sexual motives. *Personal Relationships*, 11, 179-195.

Simpson, J. A. e Gangestad, S. W. (1991). Individual differences in sociosexuality: Evidence for convergent and discriminant validity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 60, 870- 883.

Viegas, T. e Moreira, J.M. (2010). *Concepções da Infidelidade: um estudo exploratório*. Poster apresentado no XII Congresso Ibero-americano de Psicologia, Oviedo, Espanha.